



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

AGNES OLIVEIRA KRIEGER

***QUEM SOMOS?: OS EFEITOS DE SENTIDO DO DIZER DE SI DAS
MÍDIAS ALTERNATIVAS MÍDIA NINJA E THE INTERCEPT BRASIL***

CASCADEL – PR
2025

AGNES OLIVEIRA KRIEGER

***QUEM SOMOS?: OS EFEITOS DE SENTIDO DO DIZER DE SI DAS
MÍDIAS ALTERNATIVAS MÍDIA NINJA E THE INTERCEPT BRASIL***

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos Discursivos: memória, sujeito e sentido.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares.

CASCADEL – PR
2025

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Oliveira Krieger, Agnes

Quem somos?: os efeitos de sentido do dizer de si das mídias alternativas Mídia NINJA e The Intercept Brasil / Agnes Oliveira Krieger; orientador Alexandre Sebastião Ferrari Soares. -- Cascavel, 2025.
82 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

1. Análise de Discurso. 2. Discurso jornalístico alternativo. 3. Mídia NINJA . 4. The Intercept Brasil. I. Ferrari Soares, Alexandre Sebastião, orient. II. Título.

AGNES OLIVEIRA KRIEGER

**QUEM SOMOS?: OS EFEITOS DE SENTIDO DO DIZER DE SI DAS
MÍDIAS ALTERNATIVAS *MÍDIA NINJA* E *THE INTERCEPT BRASIL***

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientador

Profa. Dra. Ceres Ferreira Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Membro Efetivo (convidada)

Profa. Dra. Giovanna Gertrudes Benedetto Flores
Pesquisadora autônoma
Membro Efetivo (convidada)

Prof. Dr. Alexandre da Silva Zanella
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da Instituição)

Cascavel, 01 de abril de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cada uma das pessoas que fez parte desse processo ao meu lado. Esses últimos dois anos não teriam sido possíveis se eu não pudesse compartilhar minhas frustrações, minhas descobertas e minhas conquistas com vocês. A escuta da minha família, das minhas amigas e dos meus colegas do mestrado permitiu que eu chegasse aqui. Com vocês, percebi que, além das muitas teorias e discussões, não se faz pesquisa sem afeto e companheirismo.

Agradeço à orientação atenciosa do professor Alexandre, que me acompanhou por todo o meu caminho pela Análise de Discurso e possibilitou que eu adentrasse no estudo das mídias alternativas, que se tornou tão caro para mim. Sem dúvida, você foi importante não apenas na minha escrita, mas também na minha constituição enquanto pesquisadora.

Agradeço à professora Ceres, pela leitura atenta e cuidadosa do meu trabalho desde a qualificação, compartilhando tantas questões pertinentes sobre as mídias alternativas. Ao professor Alexandre Z., por ter caminhado comigo desde o início do texto e ter permitido novos olhares para esta pesquisa, com uma leitura cuidadosa e afetuosa. À professora Giovanna, pela leitura atenta para a defesa, que, certamente, contribuiu muito com a pesquisa.

Agradeço, especialmente, às professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, fundamentais para a realização desta dissertação, por mostrarem a importância da pesquisa na nossa área, tantas vezes desvalorizada e esquecida.

Agradeço à CAPES, por ter contribuído e tornado possível a realização desta pesquisa.

“Aprendeu que a verdade não tem dono, que é duro demais existir e que ninguém precisa ajudar ninguém a sofrer. O sofrimento vem sozinho, tem pernas, mais cedo ou mais tarde ele aparece; o que a gente tem de buscar é a alegria, essa se esconde delicada na correria dos dias, não se oferece de pronto, quer ser encontrada, surpreendida, amada.”

Carla Madeira

KRIEGER, Agnes Oliveira. ***Quem somos?: os efeitos de sentido do dizer de si das mídias alternativas Mídia NINJA e The Intercept Brasil***. 2025. 82 f. Dissertação (Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares

Defesa: 01 de abril de 2025

RESUMO

As mídias alternativas, nos últimos anos, cresceram de forma significativa como consequência, principalmente, da sua inserção no ambiente digital (Kucinski, 2018; Braghin; Câmara, 2018; Foletto, 2018). Em vista disso, para esta dissertação, foi fundamental analisar, à luz da teoria da Análise de Discurso franco-brasileira, os dizeres de si e do jornalismo alternativo que são colocados em circulação pelas mídias alternativas *Mídia NINJA* e *The Intercept Brasil*. Diante disso, propôs-se questionar se essas mídias alternativas produzem, de fato, um discurso disruptivo em relação ao da mídia tradicional, em virtude dos mitos do jornalismo a que esta está filiada, considerando os dizeres de si e da sua práxis jornalística. Ainda, a delimitação dessa temática justifica-se pela necessidade de analisar os discursos e os sentidos que o discurso jornalístico alternativo produz, uma vez que se coloca em um outro lugar e em uma outra posição em relação à mídia tradicional. Para isso, a discussão se baseou em quatro objetivos específicos, os quais são: a) analisar os efeitos de sentido colocados em circulação ao dizer da sua práxis jornalística como desvinculada da tradicional; b) observar como, no discurso jornalístico alternativo da *NINJA* e do *Intercept*, ocorre a ruptura com o discurso do jornalismo tradicional; c) refletir se, enquanto mídias alternativas, ao dizerem de si, discursivizam de modo que se encontram ao denominar o seu jornalismo alternativo; por fim, d) apreender como o processo de rompimento com o sistema capitalista, a fim de se tornar independente, é discursivizado, considerando a necessidade de ambas as mídias de financiamento externo. A partir disso, foi realizada a seleção do corpus, com base na metodologia materialista (Lagazzi, 2015), a qual consistiu em selecionar sequências discursivas das abas *Quem somos* e *Perguntas Frequentes* dos sites da *NINJA* e do *Intercept*, além do perfil dessas mídias no site de financiamento coletivo *Catarse*. Após esse recorte, análise e teoria foram discutidas e analisadas de forma conjunta, uma vez que, na Análise de Discurso, parte-se do movimento pendular (Petri, 2013). Assim, a discussão mobilizou conceitos teóricos da teoria, a exemplo de formação discursiva, formação ideológica e formação imaginária (Pêcheux, 2014a, 2014b; Orlandi, 2015), denominação (Mariani, 1998), discurso jornalístico (Mariani, 1998, 1999) e falha (Pêcheux, 2014c). Durante a análise, foi possível observar os rompimentos discursivos que as mídias alternativas estabelecem em relação à mídia tradicional, além de como a constituição do jornalismo das primeiras ocorre a partir do que não é em relação às falhas e às lacunas da mídia tradicional. Assim, os sentidos se desencontram. Também, compreendeu-se que, embora a *NINJA* e o *Intercept* ocuparem o mesmo lugar de mídia alternativa, em alguns momentos, o seu jornalismo e as denominações que usam para dizer de si se desencontram, logo, passam a ocupar posições diferentes. Por fim, em relação à desfiliação dessas mídias em relação ao capital, concebe-se que, apesar de resistirem ao escolherem o financiamento coletivo para não se submeterem aos interesses das grandes corporações, não é possível que deixem de estar submetidas a essa ideologia e a seus interesses. Nas falhas e nas brechas da mídia alternativa, há, portanto, o espaço para a contínua transformação de si, do seu jornalismo e da sua submissão às ideologias dominantes – na sua incompletude está o espaço para o possível.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Discurso jornalístico alternativo. Ninja. Intercept.

KRIEGER, Agnes Oliveira. *Chi siamo?: gli effetti di senso dire di sé dei media alternativi Midia NINJA e The Intercept Brasil*. 2025. 82 f. Dissertazione (Lettere) – Corso di Laurea in Lettere, Università Statale ad Ovest del Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2025.

Tutore: Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares

Difesa: 01 aprile 2025

RIASSUNTO

I media alternativi sono cresciuti significativamente negli ultimi anni, soprattutto in conseguenza del loro inserimento nell'ambiente digitale (Kucinski, 2018; Braighi; Câmara, 2018; Foletto, 2018). In considerazione di ciò, per questa dissertazione è stato fondamentale analizzare, alla luce della teoria dell'Analisi del Discorso franco-brasiliano, i detti di sé e il giornalismo alternativo che vengono messi in circolazione dai media alternativi *Midia NINJA* e *The Intercept Brasil*. Pertanto, è stato proposto di domandare se questi media alternativi producano, in effetti, un discorso dirompente rispetto ai media tradizionali, dovuto ai miti del giornalismo, considerando le affermazioni su te stessa e sulla tua prassi giornalistica. Così, la delimitazione di questo tema è giustificata dalla necessità di analizzare i discorsi e i significati che il discorso giornalistico alternativo produce, dal momento che è posto in un altro luogo e in un'altra posizione rispetto ai media tradizionali. Per questo, la discussione è stata basata su quattro obiettivi specifici, che sono: a) analizzare gli effetti di senso messi in circolazione quando si dice che la sua prassi giornalistica è disconnessa da quella tradizionale; b) osservare come, nel discorso giornalistico alternativo di *NINJA* e *Intercept*, vi sia una rottura con il tradizionale discorso giornalistico; c) riflettere se, mentre i media alternativi, quando parlano di se stessi, discursivizam in modo tale che si incontrano quando nominare il loro giornalismo alternativo; infine, d) apprezzare come il processo di rottura con il sistema capitalista al fine di diventare indipendenti è discorsivizzato, considerando la necessità di entrambi i media di finanziamento esterno. Da questo, la selezione del corpus è stata effettuata, sulla base della metodologia materialista (Lagazzi, 2015), che ha consistito nella selezione di trentanove sequenze discorsive delle schede *Chi siamo* e *Domande Frequenti* dei siti di *NINJA* e *Intercept*, oltre al profilo dei media nel sito di finanziamento collettivo *Catarse*. Dopo questa taglia, analisi e teoria sono stati discussi e analizzati insieme, perché l'Analisi del Discorso parti dal movimento pendolare (Petri, 2013). Così, la discussione ha mobilitato concetti teorici di teoria, come formazione discorsiva, formazione ideologica e formazione immaginaria (Pêcheux, 2014a, 2014b; Orlandi, 2015), denominazione (Mariani, 1998), discorso giornalistico (Mariani, 1998, 1999) e fallimento (Pêcheux, 2014c). Durante l'analisi, è stato possibile osservare le rotture discorsive che i media alternativi stabiliscono in relazione ai media tradizionali, nonché come la costituzione del giornalismo dei primi si verifica da ciò che non è in relazione ai fallimenti e alle lacune dei media tradizionali. Così, i sensi sono persi. Inoltre, si è capito che anche se *NINJA* e *Intercept* occupano lo stesso posto di media alternativi, a volte il loro giornalismo e i nomi che usano per dire che non si incontrano, presto iniziano ad occupare posizioni diverse. Infine, in relazione alla disaffiliazione di questi media dal capitale, si ammette che, nonostante la resistenza a scegliere il finanziamento collettivo per non sottomettersi agli interessi delle grandi società, non è possibile che essi non sono più soggetti a questa ideologia e ai suoi interessi. Nei difetti e nelle lacune dei media alternativi, c'è quindi spazio per la continua trasformazione di te stesso, del tuo giornalismo e della tua sottomissione alle ideologie dominanti – nella sua incompletezza è lo spazio per il possibile.

Parole chiave: Analisi del Discorso. Discorso giornalistico alternativo. Ninja. Intercept.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. NO PERCURSO TEÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO	17
1.1 O discurso jornalístico: um outro olhar	21
2. MÍDIA NINJA E THE INTERCEPT BRASIL: DA RUA AO CONGRESSO	36
2.1 Em meio à multidão	36
2.2 Em meio à crise política	40
2.3 <i>Quem somos?</i>	42
2.4 O que pensam sobre a mídia tradicional?	47
2.5 O nosso jornalismo	50
3. QUEM FINANCIA É VOCÊ	59
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	72
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

O crescimento de mídias e jornais alternativos, hoje, é consequência não apenas dos avanços tecnológicos, principalmente da internet, mas também de uma busca pela multipluralidade de discursos, de verdades e de posicionamentos. Em vista disso, a esta pesquisa é essencial analisar como essas mídias se dizem, posto que, ao se proporem alternativas, há uma formação imaginária¹ em torno dessa denominação, a qual se refere à (des)filiação a determinados discursos e à circulação de uma outra práxis jornalística.

A princípio, é preciso destacar que a formação imaginária é essencial para que se possa analisar os discursos que as mídias alternativas circulam, como concebem o seu lugar de fala e o da mídia tradicional e porque produzem determinados efeitos de sentido em detrimento de outros, considerando o lugar de onde discursivizam, assim como a imagem que constroem da sua posição como discurso alternativo. Isso porque, “em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 1997, p. 82, grifos do autor).

A fim de desenvolver essa discussão, foram selecionadas duas mídias alternativas brasileiras: a *Mídia NINJA* (*Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação*) e o *The Intercept Brasil*. A primeira se destacou durante as manifestações de junho de 2013, as quais foram iniciadas por uma reivindicação em relação ao aumento de vinte centavos na passagem de ônibus em São Paulo, enquanto a outra surgiu durante o processo de golpe² contra a então presidenta Dilma Rousseff, com a divulgação de corrupções envolvendo a Operação Lava Jato – a relação entre esses acontecimentos será discutida adiante. Apesar de não terem sido criadas nas mesmas condições de produção e por sujeitos que ocupassem os mesmos lugares e as mesmas posições, ambas se tornaram importantes e influentes veículos midiáticos que se propõem a apresentar uma narrativa alternativa àquela presente nas mídias tradicionais em meio a crises e tensões políticas.

Considerando isso, é importante colocar como a Análise de Discurso concebe as noções de lugar e posição, a fim de que, ao longo desta dissertação, fiquem claros os sentidos

¹ Conceito da teoria da Análise de Discurso franco-brasileiro que será melhor discutido posteriormente.

² A escolha pela denominação *golpe* ocorre em consonância com o que propôs Indursky (2017): “as ditas ‘pedaladas’ não foram interpretadas como um ato que justificasse um *impeachment*. Tais análises apontam que elas serviram como pretexto para construir um caminho travestido de legalidade para destituir a presidente Dilma Rousseff através de um *golpe*. Discussões dessa natureza instauradas na mídia alternativa sustentaram a designação *golpe* que só ganhou guarida no discurso político eletrônico” (Indursky, 2017, n. p., grifos e aspas da autora).

relacionados ao lugar que a mídia alternativa ocupa e às posições diferentes que a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil* ocupam. Isso porque, para Pêcheux (2014a), o *lugar* que um sujeito ocupa está relacionado ao modo de produção capitalista, logo, à força de trabalho, por exemplo, um sujeito professor, enquanto as *posições* se relacionam às condições de produção, à filiação ideológica, entre outras, como um professor de uma escola privada e um professor de uma escola pública (apesar de ambos terem a mesma profissão, estão submetidos a atravessamentos diversos que os levam a filiações discursivas e ideológicas que se desencontram). Nesta pesquisa, considera-se que ambos os veículos estudados ocupam o mesmo lugar de mídia alternativa, contudo, cabe analisar as posições e as filiações a que se relacionam desse lugar.

Em vista disso, o conceito de ser alternativa não é novo. Durante a Ditadura Militar, em meio à censura da imprensa e à inicial não denúncia do governo repressor pelos grandes e tradicionais veículos de comunicação – os quais, inclusive, foram importantes para a consolidação desse governo –, grupos de jornalistas e militantes iniciaram a publicação de pequenos jornais de caráter combativo a essa realidade, com o objetivo de informar a população brasileira sobre as violações aos direitos humanos que ocorriam, entre outras. Diante isso, segundo Kucinski (2018), a escolha por denominar jornalismo alternativo ocorreu devido à possibilidade de esse termo abranger os princípios que o norteavam, ou seja,

[...] o de algo que **não está ligado a políticas dominantes**; o de uma **opção** entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de **única saída** para uma situação difícil; e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970 de **protagonizar as transformações sociais** que pregavam (Kucinski, 2018, p. 11, negritos nossos).

Contudo, é importante pontuar que, apesar do seu papel fulcral no apoio ao golpe, a mídia tradicional³, após os primeiros Atos Institucionais, percebeu que esse apoio também a afetava e, conseqüentemente, a prejudicava. A partir desse momento, passou a resistir a seu modo – ressalta-se que enquanto a mídia alternativa atacava a Ditadura diretamente, a tradicional resistia de outra forma. Isso é possível constatar a partir do que afirma Indursky (2019):

Naquele momento histórico, a mídia tradicional impressa que, inicialmente, havia apoiado o golpe militar, logo percebeu o engodo em que havia caído e **passou a resistir de diferentes formas à ditadura**. Ficaram famosas suas **receitas de bolo em**

³ Denominar a grande imprensa/a grande mídia/os meios hegemônicos de comunicação como mídia tradicional, para esta dissertação, configura uma tentativa de (des)aproximar dois fazeres jornalísticos presentes, hoje, no meio digital: o da mídia tradicional e o da mídia alternativa. Estabelece-se, assim, um paralelismo, sintático e discursivo, entre as duas mídias.

espaços destinados a artigos de opinião, por exemplo. Esses espaços com frequência também **apareciam em branco** (Indursky, 2019, n. p., negritos nossos).

Essa resistência, inclusive, foi a responsável por acarretar, junto de outros fatores relacionados a problemas político-partidários internos dos próprios jornais alternativos, a redução dessa produção jornalística. Isso porque

Opor-se ao governo deixou de ser monopólio da imprensa alternativa. Além disso, a retomada da atividade política clássica no âmbito dos partidos e de seus jornais, que após a decretação da anistia **saíram da clandestinidade, esvaziou a imprensa alternativa de sua função** de espaço de realização política (Kucinski, 2018, p. 23, negritos nossos).

Em vista disso, há de se destacar que, ao estabelecer uma comparação com os jornais alternativos impressos durante e após a Ditadura Militar, as mídias alternativas, hoje, transformaram esse fazer jornalístico, assim como o funcionamento discursivo do que noticiam. Afinal, enquanto, na Ditadura, a clandestinidade e a resistência às opressões do Estado eram as responsáveis por permitir que o jornalismo alternativo mantivesse sua função de ser o espaço de transformação política e social, à *NINJA* e ao *Intercept* associa-se uma imagem de protagonista sem a necessidade de se voltar à clandestinidade para existir.

Após o período ditatorial, continuaram a existir jornais alternativos, os quais começavam um processo de mudança da práxis jornalística a fim de adequar-se às novas condições de produção e formações discursivas em que estavam inseridos. No entanto, o fim da *clandestinidade*, de certa forma, ocorreu com a ascensão da *Mídia NINJA* em 2013 – a qual protagonizou não apenas o noticiar das manifestações que aconteciam, mas também do próprio processo de transformação política, como será discutido.

Apesar do distanciamento histórico, é possível observar essa mesma configuração no processo de consolidação da *Mídia NINJA* e do *The Intercept Brasil*. Afinal, ao se apresentarem em seus respectivos sites, essas mídias afirmam “apresentar novas alternativas de jornalismo e comunicação e fazer contraponto a uma mídia tradicional altamente verticalizada pelos interesses econômicos e políticos estabelecidos” (Ninja, [s. d.], n. p.). Logo, colocam-se em um movimento contrário ao do jornalismo tradicional, desassociadas dos interesses do capital e dos poderosos, com uma outra práxis jornalística – essa desassociação, contudo, não se mostra plena, mas é falha, como será possível observar ao logo das análises dos discursos dessas mídias.

Ainda, ao surgirem em meio a duas crises na política brasileira, compreende-se que essas mídias produzem um efeito de sentido de serem responsáveis por mudar os rumos da

nação, assim como a solução para um noticiar em que se pode confiar, pois, segundo o cofundador do *The Intercept Brasil*, “a crise política do ano passado [2015] enfatizou como a homogeneidade da mídia brasileira é uma ameaça à democracia e à liberdade de imprensa” (Greenwald, 2016, n. p.) – referindo-se à midiatização do início da Operação Lava Jato e dos processos do golpe. Desse modo, pode-se conceber como os princípios norteadores das mídias alternativas durante a Ditadura Militar permanecem, embora, hoje, tenham uma vasta diversidade de meios tecnológicos para difundir esses ideais e garantir um acesso democrático à informação.

Além disso, haja vista a indispensabilidade associada à mídia e a suas ferramentas tecnológicas para a constituição da informação e do sujeito, conforme Lopes (2004), há um “culto às mídias” que resulta “no fortalecimento da idéia [*sic.*] de que temos que nos submeter acriticamente às suas regras” (Lopes, 2004, p. 53). Isso porque a mídia tradicional, ao noticiar, pontua o seu comprometimento com a verdade, a objetividade, a neutralidade e a imparcialidade – denominados mitos do jornalismo –, logo, seria um veículo de informações não apenas confiável, mas detentor dos fatos. Contudo, para Mariani (1999), não é possível noticiar sem o atravessamento de sentidos e ideologias.

O ato de noticiar [...] **não é neutro nem desinteressado**: nele se encontram, entrecruzando-se, **os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes bem como, ainda que indiretamente, dos leitores**. Além desses fatores, as **forças políticas em confronto no momento histórico** em que se divulga um acontecimento vão constituir também os sentidos produzidos pelas notícias (Mariani, 1999, p. 102, negritos nossos).

Desse modo, percebe-se que o discurso jornalístico, apesar de comprometer-se com a busca imparcial pela verdade, é constituído por forças ideológicas que produzem sentidos outros. Afinal, ao discursivizar, há o atravessamento de condições de produção, memórias e ideologias, isto é, não é possível distanciar-se da realidade em que se está inserido. Logo, a mídia jornalística não é capaz de manter a imparcialidade e de encontrar uma (única) verdade.

Embora a mídia alternativa se comprometa, justamente, com o contrário, propõe-se, nesta pesquisa, questionar se a mídia alternativa, especificamente a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil*, ao dizer de si, filia-se a esse discurso disruptivo em relação ao jornalismo tradicional, à imparcialidade e ao capital, buscando esses efeitos de sentido na sua materialidade linguística. Afinal, mesmo que se coloque como uma mídia que defende o interesse do povo e combate as injustiças político-sociais, assim como salienta Lopes (2004), não se deve se submeter acriticamente ao seu noticiar.

Partindo desse pressuposto, os meios de comunicação, no Brasil, são, exaustivamente, objetos de estudo e discussão, sobretudo da Análise de Discurso, por estarem presentes no entremeio das relações sociais, comunicativas e políticas. Contudo, à mídia alternativa pertence um lugar outro, uma vez que, a princípio, distanciada dos detentores dos meios de produção, relaciona-se aos movimentos e às classes populares – não apenas pela sua rede de colaboradores pertencer a essas, mas também por inserir-se nas lutas sociais e transformá-las em suas causas.

Ainda, ressalta-se que, com a internet e os avanços tecnológicos, a maioria da população possui acesso imediato e em tempo real à informação, logo, o sujeito é bombardeado por uma extensa produção de notícias. Isso porque a imprensa passou a se utilizar das mídias digitais para propagar a informação rapidamente e com um alcance maior. Devido a isso,

O excesso de informação a que somos oferecidos pode estar fazendo com que a busca das mídias alternativas por “quebrar o silêncio” seja obrigada a se transformar em uma tentativa de angariar a atenção das pessoas no meio de tanto “barulho” (Mazetti, 2009, p. 292, aspas do autor).

Assim, direciona-se um olhar outro para a práxis alternativa, que, comprometida com a circulação de diferentes dizeres, coloca-se como uma mídia de enfrentamento à mídia tradicional, ao capitalismo e às ideologias dominantes. A conquista desse papel de destaque, essencialmente no digital, permite que a *Mídia NINJA* conceda espaço de luta e de fala aos sujeitos e aos dizeres à margem do poder, a exemplo de trabalhadores, mulheres, militantes negros, indígenas e quilombolas, entre outros. Além disso, ao *The Intercept Brasil* é permitido um fazer jornalístico investigativo e combativo que denuncia os poderosos, os corruptos e as políticas antidemocráticas, a exemplo da Operação Lava Jato (que, na mídia alternativa, transformou-se em uma reportagem jornalística intitulada Vaza Jato) e do assassinato da vereadora Marielle Franco.

Diante disso, observa-se que os jornais alternativos, no meio da crise política, do descaso à população e das violências, assumiram um papel de contraposição ao discurso da mídia tradicional, colocando em circulação dizeres que eram silenciados. A partir disso, observa-se que o

[...] valor que a sociedade vem atribuindo à mídia – ou o poder de interpelação que a Mídia vem exercendo na sociedade – passa a assegurar-lhe o papel de *Texto fundamental de um novo grande Sujeito, o Mercado, agora em sua nova forma globalizada* (Payer, 2005, p. 15, grifos da autora).

Logo, embora a grande mídia tenha consolidado o seu papel de cristalizadora dos sentidos e da verdade, é possível compreender que a maior presença da mídia alternativa nos meios de comunicação, principalmente nas mídias digitais, deve ser, exaustivamente, analisada e estudada. Afinal, a mídia alternativa produz sentidos e dizeres outros, pois se distancia, ao dizer de si, do que elenca Payer (2005), quando pontua o papel de destaque da mídia na sua relação com o capital. Dessa forma, justifica-se esta pesquisa em vista da necessidade de analisar o funcionamento do discurso jornalístico alternativo, posto que o crescimento expressivo de jornais alternativos, além de seu alcance significativo, devido a sua estada nas plataformas digitais, produz efeitos de sentido que perpassam os sujeitos de um modo diverso da mídia tradicional.

Ademais, em vista do que foi discutido, a este trabalho objetiva compreender, à luz da teoria da Análise de Discurso franco-brasileira⁴, como o discurso jornalístico alternativo diz de si nas seções dos sites da *Mídia NINJA* e do *The Intercept Brasil*, enquanto mídias que se denominam alternativas. Para isso, parte-se de quatro questões norteadoras: a) analisar os efeitos de sentido colocados em circulação ao dizer da sua práxis jornalística como desvinculada da tradicional – propondo-se como um *novo* jornalismo; b) observar como, no discurso jornalístico alternativo da *Mídia NINJA* e do *The Intercept Brasil*, ocorre, de fato, a ruptura com o discurso do jornalismo tradicional; c) refletir se a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil*, enquanto mídias alternativas, ao dizerem de si, discursivizam de modo que se encontram ao denominar o seu jornalismo alternativo; e, por fim, d) apreender como o processo de rompimento com o sistema capitalista, a fim de se tornar independente, é discursivizado, considerando a necessidade de ambas as mídias de financiamento externo.

Para responder a essas demandas e reflexões sobre os dizeres e os sentidos produzidos no discurso jornalístico alternativo, serão mobilizados os pressupostos teóricos da Análise de Discurso franco-brasileiro, conforme mencionado. Ao considerar o início dessa teoria, nas palavras de Malidier (2017), depreende-se que

O projeto de Michel Pêcheux nasceu na conjuntura dos anos de 1960, sob o signo da articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. [...] Neste novo contexto, Michel Pêcheux tentou, até o limite do possível, re-pensar tudo o que o *discurso*, enquanto conceito ligado a um dispositivo, designava para ele (Malidier, 2017, p. 16, grifos da autora).

⁴ A escolha por denominar a teoria de franco-brasileira reflete um movimento dentro da própria Análise de Discurso de considerar que, hoje, a partir dos escritos de Michel Pêcheux, há uma extensa produção teórica feita por pesquisadores brasileiros, a qual não apenas aprofundou a discussão dos conceitos já postos, como também propõe novos conceitos e novas discussões associadas às condições de produção atuais do discurso.

Assim, além da articulação entre essas teorias, considera-se que eclodia, na Europa, com destaque para a França, uma série de movimentos políticos que questionavam a conjuntura social, logo, era preciso, também, estudar a língua(gem) a partir de uma nova perspectiva que compreendesse esse espaço de construção de significações e de resistências. Diante disso, a Análise de Discurso propunha uma ruptura analítica que deslocava as discussões sobre língua, política e ideologia para o campo do debate em meio aos dizeres que circulavam na política, nas ruas e nos jornais. Portanto, a teoria acompanhava as transformações que ocorriam no meio político-social.

Além disso, com seu novo objeto de estudo, o *discurso*, o fundador da teoria, Michel Pêcheux, a partir de uma releitura do estudo de Saussure da língua enquanto sistema, encontra “o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua propõe sentidos por/para o sujeito” (Orlandi, 2015, p. 17). Afinal, enquanto local de encontro entre língua, ideologia e sujeito, é no discurso que se pode compreender o processo discursivo que produz sentidos, também, no extralinguístico.

Ademais, salienta-se que os sentidos produzidos se relacionam ao local de que fala o sujeito, da sua posição-sujeito e das formações discursivas a que se filia. Em vista disso, não há como desvincular esses pressupostos de um discurso cotidiano que circula informações e, conseqüentemente, sentidos: o *discurso jornalístico*. Para Mariani (1999),

É ao desambiguar o mundo, ao tornar transparente e ao ordenar, ao interpretar os acontecimentos, filiando-os a determinados sentidos, ao promover a circulação de certos enunciados sobre os acontecimentos e, dessa forma, produzir um certo tipo de textualidade e de conhecimento da realidade, e tudo isso **sob a ideologia da neutralidade, da imparcialidade e da objetividade**, naturalizando a interpretação produzida, que o discurso jornalístico pode ser situado como uma das instituições responsáveis, nas sociedades ocidentais, pela formação e difusão de **modelos de verdade** (Mariani, 1999, p. 120, negritos nossos).

A concepção de que esse desambiguar do mundo ocorre de modo transparente, neutro, imparcial e objetivo, com uma única verdade a ser discursivizada, torna o discurso jornalístico da mídia tradicional uma fonte de ideias a serem reproduzidas pelos sujeitos que têm acesso ao seu conteúdo. No entanto, Mariani ressalta que essa interpretação dos acontecimentos e da realidade é atravessada por diferentes sentidos e discursos, logo, é uma visão entre outras.

Ao se contrapor à concepção do discurso jornalístico como detentor da verdade, surgiu a práxis jornalística *alternativa*. Essa nova mídia, conforme supracitado, ao colocar-se como opção à mídia tradicional, instigada pelo desejo de promover e noticiar as mudanças sociais, circula textos que questionam as informações divulgadas pela mídia tradicional. Assim, a mídia

alternativa ressignifica e apresenta outras interpretações da realidade e do que a permeia. Afinal, em meio à mobilização social, circula um sentido de pertencimento, de um movimento de dentro para fora, considerando sua efetiva filiação aos movimentos político-sociais e seu combate aos comportamentos corruptos na política brasileira. Essa produção de sentidos outros pela *Mídia NINJA* e pelo *The Intercept Brasil* é fundamental para compreender a construção da práxis jornalística alternativa atual, em meio a embates políticos e sociais e a avanços tecnológicos e comunicativos que atravessam esse fazer discursivo.

A partir de uma abordagem teórico-metodológica materialista, pretende-se analisar o dizer de si e do discurso jornalístico alternativo pela *Mídia NINJA* e pelo *The Intercept Brasil*. Essa metodologia materialista é “desafiadora porque demanda compreensões que vão sendo elaboradas ao longo dos trajetos analíticos” (Lagazzi, 2015, p. 86). Diante disso, ressalta-se a importância do olhar para as condições de produção que atravessam os dizeres circulados pela *NINJA* e pelo *Intercept*, assim como realizar a leitura e a compreensão de textos que discutam a mídia alternativa e sua práxis jornalística, o discurso alternativo a que se filia e a compreensão dos dizeres e dos sentidos que circula – à luz da Análise de Discurso franco-brasileira.

Em seguida, cita-se a seleção do corpus⁵ da pesquisa, o qual consistirá das abas *Quem somos* e *FAQ/Perguntas Frequentes*, respectivamente, no(s) site(s) da *Mídia NINJA* e do *The Intercept Brasil*, nas quais é possível encontrar o olhar dessas mídias sobre a práxis jornalística que mobilizam e a ruptura com os mitos jornalísticos. Especificamente no *Intercept*, será compreendida a reportagem de apresentação do seu fundador, Glenn Greenwald, pois discorre sobre os objetivos e as filiações dessa mídia que se iniciava. Além disso, como parte do corpus estão os perfis de ambos os jornais alternativos na plataforma de financiamento *Catarse*, na qual há um espaço para que os requerentes do financiamento expliquem o projeto e como o dinheiro será usado em seu benefício. A escolha por acrescentar esses perfis no corpus selecionado ocorre devido à proposta de desligamento que ambas as mídias afirmam possuir com o capital, logo, interessa à pesquisa analisar como a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil* se vendem aos seus leitores-financiadores, além de como discursivizam o seu fazer jornalístico.

Após essa seleção, há o recorte de sequências discursivas⁶ que se destaquem por produzirem os sentidos que se relacionam aos objetivos específicos da pesquisa; nesse

⁵ Cabe, aqui, salientar que a seleção do corpus foi feita em 2023. Após a seleção, ao retornar aos sites em 2024 e 2025, percebeu-se uma atualização das páginas e do *layout*, o que modificou algumas das abas mencionadas.

⁶ Para Mariani (1998, p. 53), “a noção de sequência discursiva, definida por Courtine (1981:25) como ‘sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase’, é fluida o suficiente para viabilizar a apreensão das formulações discursivas (fds), ou seja, de sequências linguísticas nucleares, cujas realizações representam, no fio do discurso (ou intradiscurso), o retorno da memória (a repetibilidade que sustenta o interdiscurso)”.

momento, será realizada a análise do funcionamento do discurso jornalístico alternativo no dizer de si e nas rupturas que propõem a *NINJA* e o *Intercept*. Nessa etapa de análise das sequências discursivas serão mobilizados os conceitos teóricos da Análise de Discurso, salientando que a esta teoria está relacionado um movimento pendular, ou seja, a discussão não se limita à teoria e à análise do corpus isoladamente, mas em um movimento de vaivém, em que um complementa os sentidos do outro. Com isso, pretende-se direcionar um outro movimento analítico ao jornalismo alternativo e aos ideais que o constituem, além de compreender os pontos de afastamento e aproximação entre a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil* entre si e em relação à mídia tradicional.

Por fim, no que se refere à organização desta dissertação, salienta-se que a discussão se dividirá em três seções: a primeira intitulada *No percurso teórico da Análise de Discurso*; a segunda, *Mídia NINJA e The Intercept Brasil: da rua ao Congresso*; e a terceira, *Quem financia é você*. Assim, na primeira seção, dividida em *O discurso jornalístico* e *O discurso jornalístico alternativo: um outro lugar*, será introduzida a teoria da Análise de Discurso franco-brasileira, assim como os conceitos a serem mobilizados nesta pesquisa, com destaque para as noções de *discurso* e *discurso jornalístico*, a fim de refletir sobre os sentidos colocados em circulação pela mídia alternativa. Na segunda seção, dividida em *Em meio à multidão*, *Em meio à crise política*, *Quem somos?*, *O que pensam sobre a mídia tradicional?* e *O nosso jornalismo*, será realizada a análise do corpus selecionado, mobilizando os conceitos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso e colocando-os em relação à práxis jornalística alternativa, além de considerar as condições de produção tanto da *Mídia NINJA* quanto do *The Intercept Brasil*. Em seguida, na última seção, serão discutidos os efeitos de sentido relacionados ao financiamento coletivo de que ambas as mídias alternativas necessitam para manter o seu jornalismo, voltando-se para o modo como discursivizam o seu projeto a fim de que o vendam.

1 NO PERCURSO TEÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO

O movimento pendular é próprio da teoria da Análise de Discurso franco-brasileira, conforme pontua Petri (2013), além de ser fundamental tanto para a compreensão dos conceitos teórico-metodológicos como para a análise do corpus. Isso porque, nesse movimento, há uma proposta metodológica de fazer a interpretação oscilar entre a teoria e a análise do discurso, justamente porque elas se constituem uma em relação à outra.

Antes de adentrar na teoria em si, bem como na análise, considera-se necessário retomar, brevemente, o contexto de constituição da Análise de Discurso, teorizada, primeiro e essencialmente, pelo filósofo francês Michel Pêcheux. Assim, em um momento de grandes mudanças sociopolíticas que ocorriam na França, conhecidas como Maio de 68, o filósofo também sentiu necessidade de mudanças no campo da Linguística.

As questões que o levaram ao novo objeto de estudo eram muitas e se mostravam interdisciplinares, mas, primordialmente, relacionavam-se a reflexões que se tornariam fundamentais para o nascimento da nova teoria. Diante disso, Maldidier (2017) pontua que Pêcheux “progressivamente, o [projeto teórico] amadureceu, explicitou e retificou”, haja vista que, devido ao movimento pendular dessa teoria, há uma intensa produção de sentidos que exigem a mobilização de novos (olhares sobre os) conceitos.

A análise do texto pelo texto e a desconsideração das condições de produção e dos fenômenos de clivagem eram as principais questões que incomodavam Pêcheux e o levaram a pensar na língua a partir de um olhar outro, no qual não havia espaço para desconsiderar as diferenças introduzidas pelo sujeito, pelos lugares e pelas posições que ocupa, pelas formações ideológicas e discursivas a que se filia, pelas projeções e pelas condições de produção do *discurso*, que se tornaria o objeto de estudo da teoria pecheuxtiana, o qual é “efeito de sentidos entre interlocutores”, logo, “a língua é assim condição de possibilidade do discurso” (Orlandi, 2015, p. 20). Em vista disso,

Chamaremos discurso uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso (Pêcheux, 2014a, p. 214).

A partir disso, esse objeto de estudo diferencia-se do texto, uma vez que não se refere à comunicação, mas sim “ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das

condições de produção” (Pêcheux, 1997, p. 79, grifos do autor). É possível observar essa questão na seguinte sequência discursiva do *The Intercept Brasil*:

SD01. Nosso compromisso é com quem nos lê./ Nosso foco é o interesse público./ Nosso método é a transparência (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p.).

A princípio, a repetição da mesma estrutura, mas a alteração dos significantes, *compromisso, foco e método*, produz sentidos de credibilidade: o fazer jornalístico do *Intercept*, embora alternativo, não é descompromissado, desfocado e destituído de método – alinhando-o ao discurso da mídia hegemônica em um primeiro momento, posto que é essa a formação imaginária de uma mídia jornalística. Contudo, o compromisso, o foco e o método não estão na venda das informações ou na conquista de influências políticas, mas no leitor, no interesse público e na transparência – aqui, o efeito de sentido já não busca associar-se à mídia tradicional, mas, pelo contrário, desassociar-se. Esses sentidos podem ser esses porque estão sendo discursivizados em uma mídia alternativa, mas, se fossem produzidos em uma mídia tradicional, seriam outros – essencialmente o significante *transparência*, o qual, aqui, produz efeitos de sentido de legitimidade e um processo que respeite o leitor, sem associar-se aos meios de produção capitalistas, mas, na mídia tradicional, como apontado por Mariani (1999), os sentidos seriam outros, ou seja, de um discurso que não exige ser analisado, pois já foi desambiguizado pelo jornal.

Essa reflexão também pode ser direcionada ao uso da 1ª pessoa do plural. O compromisso, o foco e o método não são do *Intercept*, mas sim dos sujeitos que o compõem. Aqui, há um efeito de sentido de pertencimento e inclusão: é uma mídia que não independe de seus jornalistas e, como os seus leitores também são os seus financiadores – discussão que será ampliada ao longo da dissertação –, também são parte desse jornalismo. Essa voz plural significa além da escolha da pessoa verbal, pois retoma o objetivo da mídia alternativa de não circular apenas uma verdade, mas sim de pluralizá-la.

Logo, o efeito de sentido produzido por um discurso está relacionado, diretamente, às condições de produção a que pertence, ao sujeito que enuncia, além dos lugares e das posições que ocupa, podendo, inclusive, produzir sentidos outros se a filiação discursiva for outra. Esse processo discursivo pode ser compreendido por meio do que se propõe nesta pesquisa: analisar o funcionamento discursivo da mídia alternativa a partir do discurso de si colocado em circulação pelas duas das maiores mídias independentes do país, a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil*. Afinal,

Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar **o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro**, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. Isso porque [...] **só uma parte do dizível é acessível** ao sujeito pois **mesmo o que ele não diz** (e que muitas vezes ele desconhece) **significa em suas palavras** (Orlandi, 2015, p. 32, negritos nossos).

Essa relação ocorre porque, ao discursivizar desse lugar outro do jornalismo, que é alternativo e independente, o efeito de sentido das matérias e das reportagens publicadas é outro, pois os efeitos de sentido produzidos na *Mídia NINJA* serão outros em relação aos do *The Intercept Brasil*, bem como ambos serão outros em relação ao discurso do jornalismo hegemônico. Isso porque, além de não terem os mesmos objetivos da mídia tradicional, pois as mídias alternativas têm um caráter de denúncia, suas condições de produção são outras, assim como os sujeitos autores ocupam lugares e posições diversas, porque

o mesmo discurso é tomado pelo sociológico como uma parte de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individual nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo lugar no interior de uma formação social dada (Pêcheux, 1997, p. 77).

Tendo em vista isso, o efeito de clivagem que ocorre no discurso das duas mídias alternativas é atravessado pelas condições de produção de organização e constituição de cada uma: “em outras palavras, um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas” (Pêcheux, 1997, p. 77, grifos do autor). Assim, enquanto a *Mídia NINJA* nascia em 2013, em meio às manifestações de junho, o *The Intercept Brasil* nascia em 2016 como responsável pelas denúncias de corrupção da Operação Lava Jato, série jornalística que seria conhecida como Vaza Jato – como se discutirá à frente, ambos os acontecimentos culminaram no golpe sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff. Conforme Pêcheux (2014a, p. 214), essas são as “condições de produção do discurso”, ou seja, “o conjunto da descrição das propriedades relativas ao destinador, ao destinatário e ao referente, sob condição de dar imediatamente certo número de precisões”. Apesar das diferenças referentes às posições e aos lugares ocupados pelos seus colaboradores, assim como às formações imaginárias, há, em ambas, uma filiação ideológica que as submete à uma formação discursiva. Este conceito é entendido por Pêcheux da seguinte forma:

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, **determina o que pode e deve ser dito** (Pêcheux, 2014b, p. 147, grifos do autor e negritos nossos).

Em vista disso, para esta dissertação, cabe pensar em duas formações discursivas que, a partir das filiações ideológicas, das condições de produção e dos lugares e das posições que ocupam, produzem sentidos que se contrapõem: a formação discursiva midiática tradicional e a formação discursiva midiática alternativa⁷. A essas denominações estão (des)associados os mitos do jornalismo e os interesses econômicos dos meios de produção capitalistas, assim como a práxis de ambas as mídias. Assim, considera-se que, na formação discursiva midiática alternativa, “pode e deve ser dito” das lutas de classe, dos movimentos e das causas sociais e da corrupção político-social-midiática da sociedade brasileira, produzindo determinados sentidos em relação ao lugar e à posição que as mídias alternativas ocupam. Por outro lado, nessa formação discursiva, não “pode e deve ser dito” sobre as lutas sociais a partir de uma posição jornalística neutra, imparcial e em busca de discursivizar uma única verdade, dizeres e sentidos esses que pertencem à formação discursiva midiática tradicional – embora, conforme Mariani (1999), sejam mitos.

Com isso, entende-se a condição de existência dos efeitos de sentido produzidos pelo uso de determinada palavra, em detrimento de outra, é resultado da interpelação do sujeito pelas posições ideológicas e discursivas a que se filiam, conforme pontua Pêcheux. Logo, é a partir disso que os sentidos serão produzidos e colocados em circulação. Em vista disso, a *NINJA*, ao afirmar, enquanto coletivo de vozes, “defendemos o interesse público, a diversidade cultural e o direito à informação”, e o *Intercept*, quando pontua que faz um “jornalismo destemido e corajoso”, a produção de sentidos só é possível porque ambos são mídias independentes, isto é, estão inseridos em uma formação discursiva midiática alternativa. Logo, o dizer de si de modo parcial e transparente não foge a essa formação discursiva a que estão filiadas, pelo contrário, isso só é possível devido a ela. Em suma,

Sujeitos, ao mesmo tempo, à língua e à história, ao estabilizado e ao irrealizado, os **homens e os sentidos fazem seus percursos, mantêm a linha, se detêm junto às margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem. No discurso**, no movimento do simbólico, que não se fecha e que tem na língua e na história sua materialidade (Orlandi, 2015, p. 51, negritos nossos).

Assim, retoma-se a metáfora do *nó*, apresentada por Maldidier (2017), ao sistematizar o que era o discurso para Pêcheux. Esse *nó* representa o discurso, o qual não é constituído de modo isolado, não produz os sentidos sozinho, mas sim no imbricamento entre língua, sujeito,

⁷ A escolha por essas denominações das formações discursivas busca manter a associação de sentidos com as duas mídias que se articulam e que são estudadas nesta dissertação: a mídia tradicional e a mídia alternativa. Mantendo, dessa forma, o paralelismo discursivo.

condições de produção e ideologia. Logo, é tanto resultado quanto encontro das questões que se colocavam para a Análise de Discurso. Por isso, para apreender a mídia alternativa, o que é e como faz jornalismo, volta-se ao discurso que ela faz de si – ali estarão, enlaçados, os efeitos de sentido dos sujeitos (fundadores, colaboradores, jornalistas), os posicionamentos (ruptura com o discurso e o jornalismo hegemônico – ideologia e capital) e os dizeres (denominações). Desse modo,

O percurso de Michel Pêcheux deslocou alguma coisa. De uma ponta à outra, **o que ele teorizou sob o nome de “discurso” é o apelo de algumas ideias tão simples quanto insuportáveis**: o sujeito não é a fonte do sentido; o sentido se forma na história através do trabalho da memória, a incessante retomada do já-dito; o sentido pode ser cercado, ele escapa sempre. Por causa de Michel Pêcheux, **o discurso**, no campo francês, não se confunde com sua evidência empírica; ele **representa uma forma de resistência intelectual à tentação pragmática** (Maldidier, 2017, p. 109, grifos e aspas da autora e negritos nossos).

Diante das discussões teóricas e analíticas expostas, foi possível compreender como teoria e análise fazem o mesmo percurso para compreender seus conceitos e seus sentidos. Na Análise de Discurso, não se pode desconsiderar as exigências teórico-metodológicas do *corpus*, o qual *fala*. A partir dessas considerações iniciais, será possível que se voltar ao funcionamento discursivo da mídia alternativa em vista do que diz de si. Assim, a escolha por colocar em confronto essas duas mídias objetiva, justamente, verificar se há alguma forma de homogeneidade na alternativa de jornalismo a que se filiam, bem como refletir sobre de que modo as condições de produção em que surgiram as interpelam em relação à necessidade de capital para o financiamento da sua existência.

1.1 O discurso jornalístico: um outro olhar

A partir dessas considerações sobre o discurso, salienta-se a primordialidade de um discurso presente no cotidiano do sujeito: o discurso jornalístico. Conforme mencionado, a mídia possui um papel de destaque na sociedade, isso ocorre, hoje, principalmente, por meio dos veículos jornalísticos, responsáveis por informar a partir de uma falsa concepção de verdade e neutralidade. Ainda, ao discurso jornalístico está atrelada uma noção de referencialidade, a fim de que o sujeito discursivize a realidade e filie-se a determinadas formações discursivas. Afinal, conforme Mariani,

O discurso jornalístico constrói-se, dessa forma, com base em um pretensão domínio da referencialidade, pois baseia-se em uma concepção de linguagem que **considera a**

língua como instrumento de comunicação de informações. Decorrem daí vários efeitos constitutivos dos sentidos veiculados como informações jornalísticas: **objetividade, neutralidade, imparcialidade e veracidade.** [...] Fica apagado para o leitor o fato de ter havido uma seleção das notícias (a pauta), ficando igualmente apagado que **as manchetes também resultam de tomadas de decisão** realizadas pelos editores e assim por diante (Mariani, 2006, p. 34, negritos nossos).

Em vista do que teoriza Mariani (2006), observa-se como o jornal se prende a um suposto papel de referenciar a realidade, considerando que se pode usar a língua apenas para comunicar, desconsiderando, então, como nela – e no discurso – entrecruzam-se diferentes sujeitos filiados a formações discursivas, interpelados pela ideologia e que ocupam lugares e posições na sociedade – cada um a seu modo e a partir de uma condição de produção. Além do sujeito-leitor, no ambiente jornalístico, esse mesmo processo atravessa os editores, os jornalistas e os repórteres – os quais, inclusive, conforme Mariani, selecionam as notícias que serão publicadas, além de como o serão. Nesse sentido, no discurso jornalístico, encontram-se diferentes interesses e sentidos, logo, não é possível considerar que possa ser neutro, apesar de ser um princípio que a mídia tradicional defende.

Entretanto, em um movimento contrário a esse, depara-se com um jornalismo que estabelece uma ruptura com essas proposições imaginárias de uma práxis neutra e imparcial: o jornalismo alternativo. Em contraposição às corporações midiáticas, esse fazer outro do jornalismo se insere no que noticia, uma vez que as pautas e as causas não são apagadas, mas parte constitutiva do que coloca em circulação. Assim, para esta pesquisa, duas dessas mídias foram selecionadas devido ao seu caráter midiativista e às transformações político-sociais em que estiveram envolvidas: a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil*. Submetidas, assim, a uma perspectiva discursiva alternativa à mídia hegemônica, nas abas voltadas a responder os principais e mais recorrentes questionamentos, as duas reiteram essa filiação ao dizer de si e do jornalismo que fazem.

Antes de se voltar para o dizeres de si dessas duas mídias alternativas, faz-se preciso comentar as denominações que envolvem essa parcela midiática. Para a Análise de Discurso, a denominação não é apenas um significante associado a um discurso, mas produz sentidos e dizeres com filiações ideológicas que significam de determinadas formas dentro de uma determinada formação discursiva. Consoante Mariani (1998),

Entendemos, nesta perspectiva, que o denominar não é apenas um aspecto do caráter de designação das línguas. **Denominar é significar**, ou melhor, representa uma vertente do processo social geral de produção de sentidos. O processo de denominação não está na ordem da língua ou das coisas, mas organiza-se na ordem do discursivo, o qual, lembrando mais uma vez, consiste na relação entre o linguístico e o histórico-social, ou entre linguagem e exterioridade (Mariani, 1998, p. 138, negritos nossos).

Em vista disso, cabe salientar que às mídias alternativas estão atreladas outras denominações, as quais também significam. Na área da Comunicação, a depender de como se estruturam essas mídias alternativas e como é a sua práxis jornalística, são denominadas de formas diferentes, considerando suas especificidades. Apesar de ser uma discussão que já ocorre há anos, devido ao recente crescimento das mídias alternativas nos meios digitais, nem mesmo as denominações são estratificadas, podendo uma mídia alternativa se associar a mais de uma especificidade devido às formações discursivas e ideológicas a que está filiada. Assim, “em conceito, [mídia alternativa] é guarda-chuva (ou topo de árvore, como queiram), abarcando todos os outros com suas diversas especificidades” (Braighi; Câmara, 2018, p. 29). A exemplo disso, citam-se as principais: jornalismo de guerrilha, mídia livre ou midialivrista e midiativista.

Apesar de todas estarem associadas à mídia alternativa, percebe-se que cada denominação produz determinados sentidos. No decorrer desta dissertação, tanto a *Midia NINJA* quanto o *The Intercept Brasil* usam algumas dessas denominações para dizer de si e do seu jornalismo, o que, inclusive, mostra como, até mesmo entre as mídias alternativas, há controvérsias. Contudo, neste momento, cabe analisar os sentidos que são produzidos por essas denominações a fim de compreender o dizer de si dessas mídias.

Como foi já mencionado, as mídias alternativas ocupam o espaço de não apenas noticiar as transformações políticas e sociais, mas de participar ativamente dessas, rompendo, desse modo, com os interesses da mídia tradicional, tais como neutralidade e imparcialidade. Afinal, ao participarem da transformação, filiam-se a determinadas formações discursivas e a ideologias, as quais produzem sentidos sobre essas mídias e sobre as posições que ocupam na sociedade. Assim,

Reportam de suas posições como cidadãos, membros de comunidades, ativistas ou fãs de determinado assunto, **comprometidos mais com a transparência dos lugares e dos interesses de seus pontos de vista** do que com o equilíbrio de posições e a busca de uma **pretensa objetividade**, características que são comuns em várias das definições detalhadas aqui (Foletto, 2018, p. 101, negritos nossos).

A partir disso, considera-se que, ao denominarem-se mídias alternativas, *NINJA* e *Intercept* se filiam a esse discurso de se comprometer com a transparência dos seus interesses, os quais, majoritariamente, estão associados a discursos políticos e à defesa de grupos minoritários e à margem da sociedade.

Além dessa denominação, pode-se considerar que, no seu início, o jornalismo da *NINJA* era denominado de jornalismo de guerrilha, uma vez que, como posto anteriormente, fez *lives*, nas redes sociais, das manifestações de Junho de 2013, produzindo sentidos de protagonismo à

luta e aos manifestantes – além de a si mesma. Ainda, conforme Fernandes (2015), o jornalismo de guerrilha também realiza essas coberturas midiáticas das manifestações como participante de fato. Entretanto, após as jornadas de 2013, a *NINJA* transformou a sua práxis jornalística, agora, produzindo as matérias e as opiniões no seu site e nas suas redes sociais, afastando-se da participação ativa. Desse modo, essa denominação não é mais usada para denominá-la.

Por outro lado, uma denominação usada pela própria *NINJA* é a de ser midiativista. Esta, embora pareça colocar em circulação os mesmos sentidos do que seria uma mídia alternativa, filia-se a um jornalismo outro, comprometido não apenas em ser uma alternativa à grande mídia, mas a lutar efetivamente pelas causas que defende, usando a mídia para disseminá-las. Assim,

Midiativismo só se faz com midiativistas, sujeitos portadores de uma vontade solidária, que **empreendem ações diretas transgressivas e intencionais**, e veem as próprias capacidades de **intervenção social**, antes localizadas, sendo potencializadas. Isso, **por meio de um registro midiático** que visa necessariamente amplificar conhecimento, espalhar informação, marcar presença, empreender resistência e estabelecer estruturas de defesa (Braighi; Câmara, 2018, p. 36, negritos nossos).

Considera-se, aqui, que não apenas o midiativismo precisa ser ativo nas transformações sociais, mas há também o efeito de sentidos de que não é feito por qualquer pessoa: deve-se ser um midiativista. A essa ramificação midiática alternativa, portanto, não apenas se filia às ideologias dos movimentos que defende, mas deve ser constituída de sujeitos-midiativistas, ou seja, enquanto a mídia tradicional é formada por jornalistas, bem como o *Intercept*, como se verá à frente, a *NINJA*, por outro lado, precisa de uma rede de sujeitos que partilhem dos princípios do midiativismo. Assim, essa denominação pode ser associada à *NINJA* ao se considerar que diz fazer um jornalismo *do povo e para o povo*, ou seja, com sujeitos que querem ter uma voz na sociedade. Portanto,

O midiativismo, assim, não é ciberativismo, como não é mídia de guerrilha, e tampouco tem qualquer relação de outras expressões que poderiam apenas esticar, em verdade, a trilha de termos. Concordamos que ele **está em formação, ou mutação, diante dos adventos tecnológicos**, mas não se pode permitir que as fronteiras, ainda que diminutas e até imperceptíveis a olhos práticos, com outras frentes sejam adulteradas (Braighi; Câmara, 2018, p. 30, negritos nossos).

Em vista disso, como se percebe na *Mídia NINJA*, mais especificamente, as denominações das mídias alternativas não devem ser consideradas estratificadas e imutáveis, pelo contrário, do mesmo modo que o jornalismo alternativo se transforma dependendo das condições de produção em que está inserido, a midiativista “está em formação, ou mutação”, principalmente, devido ao ambiente que ocupa hoje: o digital. Afinal, com as transformações

céleres e recorrentes da tecnologia, espera-se que a mídia alternativa, a fim de manter-se filiada aos seus princípios e à imagem que dissemina, precisa acompanhar essas mudanças.

Ainda, para finalizar a análise dessas denominações, é fundamental citar a de mídia livre ou midialivrista. Esta é usada tanto pela *NINJA* quanto pelo *Intercept* para dizer do seu jornalismo devido a sua importância no processo de democratização da informação, que é o desejo dessas duas mídias alternativas. Além disso, o midialivrismo também coloca em circulação sentidos relacionados à liberdade de expressão e ao livre acesso a todo tipo de informação, o que foi expandido após o advento das mídias digitais e das redes sociais. Diante do que foi discutido sobre as denominações da mídia alternativa, há de se destacar a sua importância não apenas a fim de delimitar os sentidos que colocam em circulação, mas também para compreender que cada denominação significa junto a essas mídias.

Com isso, observa-se o que a *Mídia NINJA* diz de sua práxis alternativa:

SD02. O Jornalismo – assim como a ciência – **apoiaram-se historicamente na noção de imparcialidade** como forma de ter **credibilidade e legitimidade**. Contudo, com uma nova lógica de troca de conteúdo e com novas possibilidades de audiência, mais do que buscar uma única “verdade” para os fatos, **temos hoje uma multiplicidade de leituras e possibilidades**, e isso é o que qualifica atualmente o conteúdo e é a base da troca de informação e credibilidade (*Mídia Ninja*, [s. d.], n. p., aspas do autor e negritos nossos).

Inicialmente, nota-se que ela estabelece um rompimento com o jornalismo da mídia tradicional, o qual se baseia na suposta imparcialidade para construir uma narrativa da realidade que seja considerada a verdade. Contrária a essa concepção, a *NINJA* pontua que não há uma única verdade, mas sim uma “multiplicidade de leituras e possibilidades”, do mesmo modo como propõe a Análise de Discurso, posto que, a partir das condições de produção, das formações discursivas e imaginárias e das posições e dos lugares ocupados pelos sujeitos, os sentidos são uns ou outros.

Por fim, há uma reafirmação de sua credibilidade também enquanto mídia jornalística: essa multiplicidade “qualifica atualmente o conteúdo e é a base da troca de informação e credibilidade”. É interessante observar, também, a importância de a *Mídia NINJA* pontuar que jornalismo e ciência “apoiaram-se” nesse princípio de imparcialidade, uma vez que, ao colocarem em circulação esse dizer de si, produziam sentidos de que tudo o que está em suas páginas é a verdade e a única leitura dos fatos – embora os sentidos fossem outros, os quais eram afetados pelas condições de produção e pelas formações discursivas e ideológicas do jornal, do jornalista e do leitor.

Já na segunda mídia alternativa em discussão, em um texto de boas-vindas escrito pelo jornalista Glenn Greenwald, cofundador do *The Intercept Brasil*, observa-se o seguinte:

SD03. Acreditamos que a sede por um **jornalismo mais independente, pluralístico e destemido** vai além da crise política pela qual passa o país. Ao simplesmente ignorar grande parte da população, os grandes veículos de comunicação brasileiros mascaram os principais desafios sociais e econômicos presentes, assim como a diversidade de opiniões e movimentos existentes no país (Greenwald, 2016, n. p., negritos nossos).

Assim como a *NINJA*, Greenwald ressalta que há a necessidade de um fazer jornalístico “mais independente, pluralístico e destemido”, ou seja, que denuncie as injustiças, sem estar preso a questões do capital e da ideologia dominante, bem como que considere a pluralidade de opiniões e de posições que existe no país. Outrossim, há a crítica aos meios da mídia tradicional, a qual, de acordo com ele, mascara as adversidades, as opiniões e os movimentos filiados a discursos outros desassociados do dominante. O efeito de sentido, então, é de que cabe à mídia alternativa assumir o papel de denúncia dessas situações, a fim de que a sociedade tenha acesso a essas informações.

Além disso, ao observar os dois trechos em que as mídias se dizem, há um aspecto linguístico e discursivo em comum: o uso da 1ª pessoa do plural (“temos”, na *Mídia Ninja*, e “acreditamos”, no *The Intercept Brasil*). O efeito de sentidos que esse uso produz é o de duas mídias que não apenas informam e disseminam as notícias, mas que estão inseridas nesse fazer jornalístico. Afinal, não há um afastamento da práxis, pelo contrário, tem-se um fazer conjunto – entre jornalistas, leitores e mídias alternativas – de buscar ampliar as vozes da população, principalmente a marginalizada, e de promover uma diversidade de verdades, a fim de que seus leitores não se limitem à sua leitura da realidade, mas possam, a partir do exposto, construir a sua própria.

Partindo desse pressuposto, depara-se com um fazer jornalístico outro, o qual não propõe um distanciamento da realidade e do social, mas uma “relação direta da ação política com as mídias” (Foletto, 2018, p. 97). Assim, por ser, predominantemente, produzido por uma rede independente de sujeitos comprometidos com causas político-sociais, sem financiamento, constitui-se enquanto um jornalismo de contraposição, pois, consoante Oliveira (2009), não há a compreensão da notícia como um produto, ao contrário da mídia tradicional, que a comercializa. Portanto, essa práxis jornalística se coloca como uma alternativa ao jornalismo da mídia tradicional.

Diante disso, é imprescindível salientar o espaço que essas mídias alternativas ocupam para circular a sua práxis jornalística: os meios digitais. Isso porque a internet permitiu um

espaço para exercer a liberdade de posicionamento até então invisibilizada na mídia impressa – salvo os jornais alternativos impressos durante a Ditadura Militar, porém, devido à censura e à perseguição política que sofriam, não alcançavam um público expressivo e tinham curta duração (Kucinski, 2018). Nesse sentido, Dias (2015) salienta como o digital atravessa não apenas as mídias, mas também os sujeitos e os discursos.

O discurso da tecnologia em geral produz, portanto, efeitos na maneira como o digital se materializa na sociedade, discursivamente, como uma das peças importantes do modo de organização da vida em seu conjunto, na formação social capitalista, e do modo de individuação do sujeito pela conectividade como “autenticadora” da entrada desse sujeito no mundo “civilizado” ou como aquela que o identifica em sua posição sujeito na sociedade (Dias, 2015, p. 1, aspas da autora).

Desse modo, essa transição midiática alternativa do impresso⁸ para o digital produz sentidos de uma busca por pertencer à conectividade e ao que ela proporciona. Como aponta Dias (2015), o discurso digital conquistou, nos últimos anos, um papel imprescindível na sociedade, de modo que aquele que não estiver conectado não pertence ao “mundo ‘civilizado’”. Nesse movimento, ao ocupar o espaço do digital de modo mais expressivo que a mídia tradicional, usando-o, inclusive, para disseminar seu jornalismo alternativo de modo mais imediato e abrangente – devido ao alcance maior a sujeitos-leitores –, a mídia alternativa inseriu-se no novo modo de organização social e, conseqüentemente, na nova formação capitalista que se coloca nesse espaço – essa relação entre o digital e o capital na mídia alternativa será discutida adiante.

Além disso, é também no ambiente do digital que as mídias alternativas continuam a se transformar e a se (des)associar, assumindo determinadas posições em detrimento de outras, a exemplo das diferentes denominações (controversas) que lhe são atribuídas.

E ratifica-se: **o ciberespaço quicá seja o basilar responsável pelo advento das controvérsias**. Aliás, é muito comum vermos ainda investidas no sentido de condicionamento de determinados fenômenos (principalmente aqueles que ganham relevância por sua projeção na *Web*), dadas as suas **especificidades**, com variações das terminologias acima relacionadas, ajuntando prefixos e sufixos em variados neologismos (Braighi; Câmara, 2018, p. 30, negritos nossos).

⁸ Além da mudança para o digital permitir uma maior democratização das mídias alternativas e a filiação ao discurso digital, é preciso considerar que, segundo Kucinski (2018), durante a Ditadura Militar era comum que, mesmo após a distribuição dos jornais alternativos impressos, estes fossem recolhidos pelos militares e destruídos, o que acarretava a perda do que havia sido produzido. Agora, nos meios digitais, a mídia alternativa pode se proteger dessa destruição, pois, nesse ambiente, há a possibilidade de agrupar e armazenar as matérias produzidas, com possibilidades menores de que sejam destruídas.

Conforme as discussões já feitas sobre as denominações que podem estar associadas a cada mídia alternativa, considera-se a importância do digital para a produção desse funcionamento, posto que, devido aos acontecimentos que “ganham relevância por sua projeção na *Web*”, a partir do modo como cada mídia alternativa os discursiviza, assumirão posições que se desencontram, produzindo, assim, novos sentidos numa mesma formação discursiva, ou seja, a midiática alternativa.

Desse modo, conforme Indursky (2017), “essa apropriação das mídias eletrônicas pelo jornalismo alternativo vem resgatar o efeito de sentido de liberdade de expressão, há muito banido das mídias tradicionais”. Esse efeito de sentido de liberdade se faz presente, a exemplo, no modo como a *NINJA* e o *Intercept* sentem-se livres para apresentar o seu fazer jornalístico e para pontuar a importância de pautas sociais e da pluralidade de leituras que apresentam. Afinal, ambas são questões apagadas pela mídia tradicional em favor do cumprimento dos princípios de neutralidade, verdade, imparcialidade e objetividade, como supracitado. Sobre isso, Indursky (2017) afirma:

As vozes silenciadas e represadas no interdiscurso [...] encontram no jornalismo alternativo **condições de produção favoráveis para fazer circular suas tomadas de posição** e, deste modo, **os sentidos silenciados pelas mídias tradicionais**, por serem **incompatíveis com os saberes de sua formação discursiva**, retornam e encontram seu espaço de inscrição nas mídias eletrônicas (Indursky, 2017, n. p., negritos nossos).

Além dos efeitos de sentidos de liberdade de expressão serem resgatados, há também uma tomada de posição que permite mobilizar as vozes e as lutas marginalizadas e silenciadas pela mídia tradicional. Esta, inclusive, o faz porque não cabe, em sua formação discursiva midiática tradicional, dizer desses sujeitos e dessas questões. Esse funcionamento outro do discurso jornalístico proposto pela mídia alternativa só é possível, como pontua Indursky (2017), porque as “condições de produção” são “favoráveis”, isto é, o espaço que ocupam, as formações discursivas e as ideologias a que se filiam e as condições em que surgem lhe permitem assumir determinados posicionamentos desfilados aos mitos do jornalismo.

Nesse contexto, em meio à tensão político-ideológica, durante as manifestações de 2013 no Brasil, surgia a *Mídia NINJA*. A partir disso, em seu site, na aba *Quem somos*, ressalta o seu posicionamento e como faz jornalismo:

SD04. **Defendemos abertamente a parcialidade** enquanto um princípio de nosso trabalho, por acreditar que **nenhuma construção humana é capaz de ser imparcial**, já que resulta da soma e do acúmulo de todas as suas experiências anteriores e de nossas visões de mundo (Ninja, [s. d.], n.p., negritos nossos).

Ao afirmar o seu envolvimento direto nas mudanças políticas que ocorreram à época de criação, além da sua posição de mídia independente, há uma projeção de como ela discursiviza os acontecimentos do país, assim como quais serão as suas filiações político-ideológicas em relação a eles – o que leva aos questionamentos relacionados à sua parcialidade e ao seu envolvimento político-partidário. Em contrapartida, o *The Intercept Brasil* nasce de uma conjuntura outra, na qual não se envolveu, na prática, nas manifestações políticas, embora tenha denunciado o que ocorria e sido um dos responsáveis pelas transformações que ocorreram. Assim, há uma prática jornalística mais aproximada à da mídia tradicional – considerando-se as diferenças discursivas e de efeito de sentidos no modo de fazê-lo. Frisa-se, contudo, que ambas as mídias causaram impacto no processo social, político e histórico pelo qual passava o país quando surgiam – mas cada uma a seu modo.

Essas questões podem ser observadas no modo como o *The Intercept Brasil* se apresenta na aba *Quem somos*:

SD05. O Intercept Brasil é uma premiada **agência** de notícias dedicada à responsabilização dos poderosos por meio de um **jornalismo destemido e combativo**. Suas investigações aprofundadas e suas análises implacáveis se concentram em política, corrupção, meio ambiente, segurança pública, tecnologia, mídia e muito mais. O Intercept **dá aos seus jornalistas a liberdade editorial e o suporte legal** de que precisam para expor a corrupção e a injustiça onde quer que as encontrem (The Intercept Brasil, [s.d], n. p., negritos nossos).

Diferente da *NINJA*, há uma construção de uma imagem mais oficial, em que o discurso produzido seria “destemido e combativo”, ou seja, que vai de encontro à mídia tradicional, já que “dá aos seus jornalistas a liberdade editorial e o suporte legal”. Ao reiterar essa liberdade editorial, o Intercept reitera o caráter destemido do que faz, ao mesmo tempo que ressalta que, devido à práxis combativa, sofre retaliações e por isso oferece apoio legal aos seus jornalistas. Há que se considerar o uso do termo “agência”, pois, ao apresentar-se, não se denomina como mídia alternativa ou mesmo independente, nem às outras possíveis denominações mencionadas acima, mas como uma agência: cujos efeitos de sentido retomam a memória de capital e de financiamento tão discutido na aba Perguntas Frequentes, como se observará.

Assim, enquanto a *Mídia NINJA* compromete-se com as causas e as pautas sociopolíticas, o *The Intercept Brasil*, como alternativa à tradição, não se distancia, significativamente, da construção estrutural e hierárquica dos jornais, inclusive, possuindo um corpo editorial com jornalistas formados e com experiência na área. Nesse sentido, Carvalho e Bronosky (2017) propõem uma reflexão sobre essa questão, principalmente em relação aos

sujeitos-jornalistas, posto que essa alternatividade midiática não é direcionada apenas para os leitores, mas também para os jornalistas. Afinal,

A novidade é que agora, em tempos de internet, se configuram possibilidades de **grande alcance, sustentação financeira e alta produtividade**, o que atrai a atenção de novos e experientes jornalistas que procuram **exercer a profissão diante do enxugamento das redações convencionais** e de uma possibilidade maior de **liberdade editorial** (Carvalho; Bronosky, 2017, p. 23, negritos nossos).

A partir disso, é possível perceber que a sede por um fazer jornalístico plural e destemido parte, também, dos jornalistas, os quais, embora com experiência na mídia hegemônica, sofriam com o “enxugamento das redações”, porque, com os avanços tecnológicos, os jornais impressos e a produção presencial de notícias e reportagens não se fazem necessários. Assim, além das mídias alternativas, enquanto grupos, visarem ao rompimento com o capital, há esse movimento também entre os jornalistas – o fechamento das redações visa a uma maior geração de lucro ou ocorre pela sua falta.

Essa também é a principal questão no que tange à escolha pelos jornais alternativos, os quais, devido à publicação exclusiva em plataformas tecnológicas, possuem mais possibilidade de garantir “grande alcance, sustentação financeira e alta produtividade”. O efeito de sentidos produzidos não deixa de apontar para como o sistema capitalista perpassa o discurso jornalístico também. Outrossim, destaca-se como, aqui, há o funcionamento da formação imaginária, pelos jornalistas da mídia tradicional, do que seria o fazer jornalístico da mídia alternativa: contra a geração de lucro e a venda de notícias, livre para discursivizar as pautas a que se filia e com grande alcance, a fim de promover a democratização da informação, como almejam os midialivristas.

Contudo, é necessário considerar algumas questões que também perpassam essa transformação digital e esse, a princípio, afastamento do capital. Afinal, as significações produzidas na mídia impressa se deslocam ao serem produzidas no meio digital, uma vez que ocorreu

[...] uma mudança na discursividade do mundo, o que hoje chamo digitalização do mundo, ou seja, práticas de linguagem que tendem à metaforização das relações sociais e das práticas dos sujeitos que, por meio do acesso **deslocam o campo da “luta” para uma inscrição na forma digital**. Em outros termos, a digitalização do mundo é um processo de historicização dos sentidos que **desloca o modo de significação**, produzindo uma forma material outra, porque **inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção**, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho (Dias, 2016, p. 10-11, aspas da autora e negritos nossos).

Primeiro, a partir do que propõe Dias (2016), a digitalização do mundo acarretou um deslocamento do espaço em que ocorrem as lutas, as quais passam a ser inscritas no digital – quase que de modo exclusivo. Esse deslocamento é passível de análise quando se observa a *NINJA*, a qual, em relação ao jornalismo alternativo impresso da Ditadura Militar, transpôs para as redes sociais as reivindicações e as violências que ocorriam nas ruas em 2013. Além de ter facilitado o acesso da população ao que acontecia, a divulgação por meio de vídeos e *lives* no Facebook permitia um acesso imediato dos sujeitos que não estavam nas ruas, mas que passaram a apoiar o movimento de suas casas. Apesar dos benefícios, cabe pontuar a linha tênue presente nesse deslocamento, uma vez que, hoje, percebe-se uma movimentação que prevalece no ambiente digital e precisa superar muitos desafios para ocupar o espaço da rua – inclusive pelas mídias alternativas.

Em segundo lugar, como afirma Dias (2016), ocorre também um deslocamento dos sentidos, pois, quando estão no digital, significam de outra forma: são discursivizados por sujeitos-usuários (como são chamados aqueles que usam as plataformas digitais) e são atravessados por condições de produção outras e por corporações capitalistas. Assim, embora as mídias alternativas se digam independentes e façam uso do espaço digital como forma de resistir ao financiamento das grandes corporações, aqui, percebe-se que o rompimento não ocorre por completo. Mesmo que não sejam diretamente afetadas pelas corporações, para acessar o site tanto da *NINJA* quanto do *Intercept* é preciso acessar um navegador, o qual pode pertencer, como os exemplos de Dias, ao Google e à Microsoft. Ainda, como será discutido melhor adiante, fazem uso do site de financiamento *Catarse* para angariar fundos para a sua manutenção no ambiente digital.

Por fim, no que tange à relação entre a mídia alternativa e o discurso digital, não há como negar as facilidades que propicia, mas é preciso lembrar de que o ambiente digital é atravessado por interesses do capital, filiações ideológicas e significações diversas. Posto isso, é perceptível esse movimento na imediatidade que o digital não apenas proporciona, mas também exige. Se as mídias alternativas não produzirem de modo intenso e atualizado, perdem o seu lugar como mídias digitais, assim como ocorreu após o fim da Ditadura Militar. Por isso, não se limitam aos seus sites, mas possuem contas em inúmeras redes sociais, como Instagram e X. Ou seja, precisam adequar-se às novas condições de produção e às atualizações do discurso digital para poderem produzir sentidos de transformação na política e na sociedade.

Esse processo de adequação às condições de produção em que se insere é característico da mídia alternativa desde o seu surgimento, afinal, sendo o espaço de transformação política e social, deve acompanhar as mudanças que atravessam o discurso jornalístico e os sujeitos, tanto

jornalistas quanto leitores. Assim, “em cada fase [do jornalismo alternativo] **eram outras as motivações** e o caráter da articulação entre seus protagonistas e deles com a sociedade civil. Surgiam **novas propostas** estéticas e operacionais, **mudava o relacionamento com os seus leitores**” (Kucinski, 2018, p. 31, negritos nossos). Dessa forma, no ambiente digital, percebe-se uma nova fase da mídia alternativa, a qual passa a ter a necessidade de se adequar ao imediatismo, à produção em massa e aos novos interesses do capital – estes passam a configurar novos desafios para a mídia alternativa para que continue filiada à ideologia anticapitalista.

A partir disso, considera-se como a mídia alternativa se constitui em um confronto entre memória e atualização, como pontua Pêcheux sobre o *discurso*, posto que, conforme Dela Silva (2008),

Compreender o discurso como estrutura e acontecimento é trabalhar com a possibilidade de interpretação própria do dizer, de modo a observar os seus efeitos de sentido, que se produzem no **jogo entre regularidades e rupturas**. O batimento entre **a repetição e a inovação**, entre **o mesmo e o diferente**, é próprio da produção discursiva, que traz sempre consigo uma memória do dizer, enquanto interdiscurso, e uma atualidade (Dela Silva, 2008, p. 20-21, negritos nossos).

Assim, no discurso jornalístico alternativo, o qual regularmente se coloca em contraposição ao discurso jornalístico tradicional – formando-se a partir deste –, há um batimento constitutivo entre o que foi a mídia alternativa no seu princípio, atuando radicalmente pela disseminação de discursos contrários à ordem vigente, e o que se tornou no mundo digital. No seu discurso, tanto a *NINJA* quanto o *Intercept*, não se desvinculam dos princípios de parcialidade e posicionamento ideológico, mas atualizam esses dizeres: o uso da mídia digital e a formação de conglomerados midiativistas para fortalecer o seu jornalismo plural, os seus jornalistas e o movimento.

Desse modo, essa produção de novos efeitos de sentido a partir da atualização do discurso, como pontua Pêcheux (2014a, p. 215), pode se tornar “suscetível de ser em seguida ele [ela] mesmo a causa de outro fenômeno, de outra transformação na configuração, seja no nível econômico ou no nível das superestruturas”. Afinal, nessas condições de produção e na atualização discursiva, as próprias mídias alternativas se ramificam e se distanciam, filiando-se a determinados valores e, como consequência, a determinadas posições que produzem sentidos outros sobre as notícias que colocam em circulação. A exemplo disso, nota-se o afastamento entre os dizeres de si da *Mídia NINJA* e do *The Intercept Brasil*, pois atualizam também as suas denominações. Essa transformação na configuração proposta por Pêcheux (2014a) também é percebida na relação das mídias alternativas com o capital, posto que, conforme será analisado

de modo mais específico no capítulo 3, apesar de ainda se filiarem ao discurso anticapitalista, é necessário que encontrem formas alternativas para que possam se manter no ambiente digital sem receber o financiamento de grandes indústrias e sem vender o que noticiam, submetendo-se ao discurso do capital.

Desse modo, as imagens produzidas, tanto a que possui de si quanto a que os sujeitos-leitores formularão, são outras,

em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a **imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro**. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (Pêcheux, 1997, p. 82, negritos nossos).

Há, então, na produção de discursos e de sentidos, uma relação direta com as imagens que as mídias produzem e discursivizam de si, nas abas de apresentação de seus respectivos sites, assim como as imagens dos sujeitos-leitores do que é uma mídia alternativa, do que é a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil* e o que esperar de diferente delas em relação à mídia tradicional, pois há uma expectativa outra projetada. Essa construção das imagens ocorre ao mesmo tempo, pois essas mídias projetam uma formação imaginária também de quem serão os seus leitores e o que eles buscarão ao acessar uma ou outra.

Além disso, na *Mídia NINJA*, por exemplo, a autoria é coletiva, pois, em sua maioria, as notícias não possuem um autor nomeado, mas são assinadas por NINJA; ela também assume uma proposta de jornalismo *para e pelo* povo, não havendo a necessidade de seus autores serem, de fato, jornalistas – principalmente ao se considerar que a sua mobilização acontece *na rua*. Por outro lado, percebe-se que a práxis jornalística do *The Intercept Brasil* é outra, pois há um quadro de profissionais, inclusive, seguindo a organização hierárquica da mídia tradicional, com editor-chefe, editores e jornalistas. Além disso, a autoria não ocorre de modo coletivo: há, nas notícias e nas reportagens produzidas, o nome de seus autores, distanciando-se da proposta de jornalismo defendida pela *Mídia NINJA*.

Nesse sentido, há, também, concepções diferentes da imagem que cada mídia alternativa possui de si e do lugar que ocupa. Isso porque, com a autoria coletiva e um jornalismo desfilado de formação acadêmica, a *NINJA* tem a imagem de que, para que seja uma mídia alternativa, bem como uma midiativista, deve se desassociar completamente de relação da mídia com o trabalho e com o capital, comprometendo-se mais com a mobilização discursiva das causas e das lutas que defende do que com a imagem de uma mídia que possua credibilidade quando

comparada à mídia tradicional – considerando que a esta se associam imagens de seriedade e credibilidade. Estas imagens, inclusive, são buscadas pelo *Intercept*, o qual, embora ocupe o lugar de mídia alternativa, assume uma posição outra, aproximada da denominação midialivrista, na qual a disseminação das informações a todos é fundamental e só será possível com a construção de uma imagem de mídia credibilizada.

Pensando nesses lugares que são ocupados pelas equipes das duas mídias alternativas, considera-se que eles são ocupados de modo diferente pelos sujeitos-autores. Enquanto a *NINJA* não exige formação acadêmica dos seus correspondentes, muito menos que sejam jornalistas, o *The Intercept Brasil* ressalta que o seu quadro é composto por jornalistas: “o Intercept dá aos seus **jornalistas** a liberdade editorial e o suporte legal de que precisam para expor a corrupção e a injustiça onde quer que a encontrem” (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos). Desse modo, “diremos que o modo de produção capitalista reparte-distribui os agentes humanos em um número de *lugares*, entre os quais em particular aquele da reconstituição e da manutenção da força de trabalho” (Pêcheux, 2014a, p. 217, grifos do autor). Logo, não há como negar que o capital atravessa as mídias alternativas, mesmo que estas busquem romper com ele.

Apesar de ocorrer a ocupação desse lugar por jornalistas, considera-se que as posições ocupadas por eles não são as mesmas que as ocupadas por jornalistas que não pertencem à mídia alternativa. Afinal, no jornalismo alternativo, há um processo discursivo outro: ele não se preso aos mitos de verdade, neutralidade, objetividade e imparcialidade da mídia tradicional, não faz, em suas plataformas, publicidade ou recebe patrocínio de grandes corporações e combate o discurso ideológico dominante. Esse funcionamento do discurso jornalístico alternativo, em consequência, faz com que o jornalista alternativo ocupe uma outra posição: “em relação a esse lugar, diferentes *posições* podem ser tomadas, em função de conjunturas institucionais” (Pêcheux, 2014a, p. 217, grifos do autor). É devido a isso que, segundo Pêcheux,

as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (Pêcheux, 2014b, p. 147, grifos do autor).

No entanto, é necessário refletir sobre essas rupturas do discurso jornalístico alternativo. Apesar de reforçar esse distanciamento dos efeitos de sentido de imparcialidade e de comprometimento com interesses do capital, não deve ser considerado como um discurso jornalístico “mais correto” do que o da mídia tradicional, ao contrário, “o principal [...] é saber que uma leitura crítica se concebe como uma interpretação dentre outras, e como tal não é nem única, nem a melhor, nem absoluta detentora da verdade” (Mariani, 1999, p. 105). Assim, deve-

se conceber que tanto a *Mídia NINJA* quanto o *The Intercept Brasil* não detém uma leitura estratificada da realidade; a primeira, busca ambigüizar o mundo, propondo uma pluralidade de leitura que coloca em destaque as causas e as pautas sociais, políticas e culturais em voga, enquanto a segunda, ao discursivizar o mundo, o faz por meio de um jornalismo de denúncia, que não produz efeito de sentidos de verdade e parcialidade, mas atua na apresentação de outras verdades.

2 *MÍDIA NINJA E THE INTERCEPT BRASIL: DA RUA AO CONGRESSO*

Além das considerações sobre o discurso jornalístico, sobretudo o discurso jornalístico alternativo, é fulcral considerar as condições de produção do discurso. Afinal, tanto o surgimento da *Mídia NINJA* quanto o do *The Intercept Brasil* significam no seu processo de produção de discursos e efeitos de sentido, como também atravessam, primeiro, a imagem que cada uma dessas mídias alternativas possui de si e do que colocam em circulação e, segundo, a imagem que os sujeitos-leitores possuem de ambas e do que seria um jornalismo alternativo.

Diante disso, nesta seção, discorre-se sobre a noção de condição de produção para a Análise de Discurso, as condições de produção da *NINJA* e do *Intercept* e o jogo imaginário presente em ambas as tramas discursivas.

2.1 “Em meio à multidão”

Antes de analisar o fazer jornalístico de duas das principais mídias alternativas brasileiras, é fundamental compreender as condições de produção em que surgiram, posto que, para analisar o discurso jornalístico alternativo, é preciso colocá-lo “em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo esse que chamamos ‘condições de produção’ do discurso” (Pêcheux, 1997, p. 78, grifos e aspas do autor). Assim, salienta-se que, para a análise das condições de produção, parte-se de sequências discursivas retiradas do *site* da *NINJA*, na aba *Quem somos*, na qual é apresentado o início dessa mídia alternativa, além dos seus princípios e fundamentos.

A princípio, ressalta-se que a *Mídia NINJA* atingiu o seu ápice durante as manifestações de Junho de 2013, quando milhares de brasileiros foram às ruas a fim de manifestar sua insatisfação, em um primeiro momento, em relação ao aumento de vinte centavos na passagem de ônibus em São Paulo. No entanto, esse foi apenas o estopim, pois o movimento se espalhou por todo o Brasil e passou a englobar protestos por diferentes problemas políticos, sociais e econômicos, os quais foram apropriados pelos movimentos políticos de direita – o que culminaria no golpe de Estado de 2016.

SD06. A Mídia NINJA foi fundada em 2013 e **ganhou notoriedade durante as manifestações de junho** que reuniram milhões nas ruas do Brasil. À ocasião realizou **coberturas ao vivo de dentro dos protestos, com múltiplos pontos de vista invisíveis na mídia tradicional** (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Assim, em meio a essa manifestação popular, surgia a *NINJA*. O seu papel foi fundamental para disseminar as diferentes causas e problemáticas pelas quais os sujeitos estavam protestando, o que possibilitou a circulação de vários pontos de vista e lutas pertencentes às reivindicações presentes naquele contexto. Além disso, as suas coberturas ao vivo, as quais eram feitas pelos próprios manifestantes, logo, “de dentro dos protestos”, foram cruciais para denunciar a violência policial que se tornou recorrente nas ruas. A necessidade dessa denúncia ocorria porque as mídias tradicionais não noticiavam a violência por parte dos policiais, desse modo, havia o silenciamento do processo violento a que estavam submetidos os manifestantes. Logo, é como propõe Dias (2015):

[...] a conexão à Internet põe em funcionamento sentidos de uma “autenticação” da entrada desse sujeito no mundo “economicamente ativo”, em que o seu conhecimento sobre algo “vale”, ou como aquilo que o identifica enquanto sujeito do discurso, em sua posição na sociedade (Dias, 2015, p. 6, aspas da autora).

Em vista disso, essas coberturas feitas pelos próprios manifestantes para denunciar a violência sofrida permitiu-lhes dizer de si e do que estavam presenciando, autenticando o seu discurso nas plataformas digitais. Por meio da consolidação desse movimento de mídia alternativa, o seu conhecimento sobre o momento pelo qual passava o Brasil *valia algo*, devido a isso, esses sujeitos passaram a assumir o seu lugar e a sua posição na sociedade.

SD07. No contexto das Jornadas de Junho, no qual assistimos a um **salto de consciência política** do País, o registro e a transmissão dos protestos feita de dentro e com **múltiplos pontos de vista**, apresentou um material que ao mesmo tempo ganhava muita **credibilidade** e era **viralizado pelo público, que não se via representado pela cobertura da velha mídia**. Esse quadro, instigava os veículos tradicionais a tratarem **o próprio projeto da Mídia NINJA como notícia** (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

A partir disso, a *NINJA* começou a ter sua imagem vinculada à credibilidade, tal qual as mídias tradicionais, mas em relação a um noticiar que colocava como protagonistas os sujeitos marginalizados ou silenciados pela “velha mídia”. Aqui, iniciava a projeção imaginária de uma mídia que rompe com a única verdade do discurso jornalístico tradicional, assim como que não receia ser parcial. Além disso, é importante observar como a *NINJA* se coloca nesse momento: não era apenas mais uma mídia alternativa que noticiava de um outro lugar, mas também “instigava os veículos tradicionais a tratarem o próprio projeto da Mídia NINJA como notícia”, ou seja, a sua práxis jornalística se tornou notícia nos meios midiáticos tradicionais. A exemplo disso, foram selecionados dois enunciados de mídias tradicionais que escreveram sobre a *NINJA*: *BBC News Brasil* e *Exame*.

Com a **rejeição dos manifestantes à mídia tradicional**, muitas vezes acusada de **omitir** o vigor dos protestos, os ninjas ganharam **apoio e credibilidade** junto aos participantes dos atos públicos em todo o país (Costa, 2013, n. p., negritos nossos).

Agora, em 2013, as manifestações que tomaram as ruas do Brasil contam com a existência da Internet e de redes celulares, o que altera radicalmente a forma como os eventos são acompanhados. **Os próprios manifestantes tornam-se repórteres**, fotografando e filmando com seus celulares, gerando um farto material audiovisual que complementa e, eventualmente, até **desmente a versão da mídia tradicional** ou as declarações de governantes (Redação, 2013, n. p., negritos nossos).

A partir desses enunciados, observa-se como a mídia tradicional não apenas discursivizou o fazer jornalístico da *NINJA*, mas também colocou em circulação a insatisfação dos manifestantes em relação à sua própria práxis. Afinal, salienta que, uma vez que os manifestantes são os repórteres dos meios alternativos de mídia, podem desmentir “a versão da mídia tradicional”. O efeito de sentido escapa à mídia tradicional, posto que se afasta dos mitos do jornalismo a que se filia, como o da busca de uma única verdade, para pontuar que é apenas mais uma versão dos fatos, assim como o é o noticiar da *NINJA*. Além disso, há a omissão da mídia tradicional que acarretou a rejeição dos próprios sujeitos-manifestantes, que, devido a isso, transferiram a credibilidade e o apoio, antes direcionado aos veículos hegemônicos, para as mídias alternativas, que lhes permitiam ter um espaço para dizer de si. Não apenas meio de transformação política, a mídia alternativa se tornou notícia na mídia que criticava.

Ainda, é interessante observar como, ao dizer da *Mídia NINJA*, essas duas mídias, filiadas à uma formação discursiva midiática tradicional, dizem também da práxis jornalística alternativa e do seu anseio de romper com o discurso jornalístico hegemônico. Essa constituição conjunta em confronto começa a marcar como a mídia alternativa

[...] **só existe em relação à outra mídia** – no caso, à chamada tradicional, *mainstream*, “grande mídia”, ou aquela dos veículos de referência, estabelecidos a partir da profissionalização do jornalismo na segunda metade do século XIX e desenvolvidos sob o paradigma da modernidade e com as características já comentadas aqui (Foletto, 2018, p. 99, grifos e aspas do autor e negritos nossos).

Desse momento em diante, a *NINJA* se tornou expressivamente presente nas redes sociais, bem como o seu fazer jornalístico. O seu papel nas transformações políticas e sociais não parou em 2013, afinal, “em 2016 foi uma das principais iniciativas de resistência na luta pelo fortalecimento da democracia em meio à instabilidade política” (Ninja, [s. d.], n. p.). Durante o processo de golpe da então presidenta Dilma Rousseff, a *Mídia NINJA* atuou como resistência e denunciou o ataque que a democracia estava sofrendo – momento no qual o *Intercept* surgiu e passou a denunciar o processo corruptivo da Operação Lava Jato. Essa relação

e o efeito de causa e consequência entre 2013 e 2016 não ocorreu apenas de forma positiva: as jornadas de junho foram também espaço para o crescimento do movimento político de direita, o qual foi responsável pela mobilização em favor do golpe (Indursky, 2019).

As condições de produção em que surgiu a *NINJA* são essenciais para analisar os efeitos de sentido do seu discurso jornalístico. Como coloca Pêcheux (1997),

[...] a um estado dado das condições de produção corresponde uma estrutura definida nos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, **se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis de serem engendrados nessas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis** no conjunto considerado e que são características do processo de produção colocado em jogo (Pêcheux, 1997, p. 79, negritos nossos).

Afinal, por ter surgido nas ruas, em meio às manifestações que aconteciam e tomavam todo o país, à *Mídia NINJA* filia-se uma formação imaginária de coletivo: o seu jornalismo não é feito por um sujeito no lugar de jornalista, mas sim pelos próprios sujeitos-manifestantes – o olhar é o deles, não o da mídia.

SD08. Surgimos **em meio à multidão**. Num momento decisivo em que **a história do país se pôs diante de nós**. Fomos **os olhos, a voz e o coração** de milhares de pessoas. **Transmitindo de dentro** os acontecimentos, **nos envolvemos e fomos parte do processo de transmutação política** de nossa geração (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Esta sequência discursiva ocupa um lugar de destaque na aba *Quem somos* do site da *NINJA*. O efeito de sentido desse protagonismo é o de sistematizar os seus princípios norteadores: conforme Kucinski (2018), a mídia alternativa não apenas noticia os acontecimentos históricos, políticos e sociais, mas também é parte essencial do processo de mudança. Assim, a *Mídia NINJA* não se colocou fora da notícia para buscar a verdade, a imparcialidade, a objetividade, a neutralidade – mitos do jornalismo conceituados por Mariani (1999) –, mas se inseriu na produção da notícia de dentro, envolvendo-se e fazendo parte da mudança de forma parcial. Além disso, mais uma vez, a ascensão da mídia alternativa ocorre porque “a história do país se pôs diante de nós [*Mídia NINJA*]”, o que retoma a memória do seu início no período ditatorial e coloca em circulação o funcionamento discursivo dessa mídia, a qual não se limita às condições de produção, mas produz sentidos inserida nelas. Apesar dessas sequências discursivas dizerem do início da *NINJA*, são fundamentais para analisar o seu discurso jornalístico alternativo, o qual não deixou de noticiar as causas e as pautas que não possuem protagonismo.

2.2 Em meio à crise política

O *The Intercept Brasil*, que denomina seu jornalismo como combativo e destemido, surgiu em meio à crise política no Brasil, quando ocorria o processo de golpe sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff em 2016. Sob essa perspectiva, é importante compreender como as condições de produção do *Intercept* se entrelaçam às da *NINJA*, uma vez que, consoante aponta Indursky (2019), o golpe de 2016 começou a ser orquestrado nas jornadas de Junho de 2013, como um “pré-golpe”, quando o Movimento Brasil Livre (MBL), que se colocava como apartidário e pelo fim da corrupção, tornar-se-ia os sujeitos que protestariam pelo fim do governo Rousseff e pela exaltação da Ditadura Militar.

Essas posições-sujeito constituíram um primeiro ato, antecipatório. Vistas, agora, depois que tudo já aconteceu, podem ser percebidas como **um pré-golpe**. Essas posições-sujeito se fortaleceram no período eleitoral de 2014 e **atuaram com força nas manifestações de 2015, durante os quais foi gestado o golpe de 2016**. Lá já se fazia ouvir **o discurso de ódio que funcionou como discurso fundador do golpe de 2016** e dos acontecimentos de 2018 (Indursky, 2019, n. p., negritos nossos).

Nesse contexto, enquanto a *Mídia NINJA* surgia em meio a manifestações que acarretariam implicações políticas anos depois, logo, atuando na transformação política – mesmo que não tenha sido filiada às ideologias e aos dizeres circulados por ela –, o *Intercept* adentrava esse lugar e passava a assumir uma posição de mídia de denúncia e combativa. No artigo de abertura, Glenn Greenwald, cofundador do *The Intercept Brasil*, salienta como, a princípio, não esperava que a série de artigos, a qual ficou conhecida como Vaza Jato, denunciando as corrupções e os problemas na Operação Lava Jato, peça-chave para a consolidação do golpe de 2016, alcançaria tantas pessoas e circularia nas redes até aparecer na mídia tradicional.

SD09. Quando começamos a escrever sobre **a crise política** que assolou o Brasil, não tínhamos a menor ideia do impacto que isso geraria. Mas a reação foi **extraordinária**. Nossos artigos sobre o Brasil (em inglês e português) têm aparecido entre as matérias mais lidas do The Intercept com frequência e nosso público tem crescido rapidamente (Greenwald, 2016, n. p., negritos nossos).

A partir disso, considera-se que há uma regularidade nas condições de produção das duas mídias alternativas: tanto a *NINJA* quanto o *Intercept* começaram a discursivizar os acontecimentos políticos e a denunciá-los em contraposição ao que a mídia tradicional circulava, mas o discurso alternativo se tornou significativo e assumiu uma posição outra: de

denúncia para notícia. Esse movimento é perceptível no modo como o seu noticiar passa a ser noticiado pelos veículos de comunicação da mídia tradicional.

Além disso, no site do *Intercept*, é possível observar como ocorre a construção da sua formação imaginária, a qual, diferente da *NINJA*, não se desprende completamente da práxis jornalística tradicional, posto que ressalta o fato de possuir um editorial, embora reforce a ideia principal das mídias alternativas: romper (em tese) com o capital e a comercialização da notícia.

SD10. O **fundador do eBay** e filantropo Pierre Omidyar lançou The Intercept americano em 2014 com a crença de que **perspectivas independentes são vitais para uma cultura vibrante e uma democracia sólida**. Ele criou a organização **sem fins lucrativos** que hospede The Intercept com o objetivo de **proteger nossa missão contra pressões comerciais** e garantir que poderíamos **operar com independência editorial total** (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Portanto, ao, supostamente, romper com as pressões capitalistas, o *Intercept* garante a proteção da sua missão e o seu fazer jornalístico independente, como é possível perceber na série de notícias sobre a Vaza Jato, a qual foi possível devido ao afastamento dos princípios da mídia tradicional. Apesar disso, não se desvincula de uma práxis jornalística baseada no editorial, no jornalismo feito por jornalistas e na credibilidade. Afinal, embora se desvincule dos mitos do jornalismo, ao *Intercept* é fulcral a imagem de uma mídia que é comprometida com a preservação da democracia.

Contudo, na SD10, ainda se observa uma questão muito importante: embora o *Intercept Brasil* tenha se iniciado com o jornalismo de denúncia de Glenn Greenwald, o *Intercept*, que está sediado no Estados Unidos da América, foi lançado pelo fundador do *eBay*. Assim, há um deslocamento de sentidos, pois o rompimento com o capital não ocorre de modo completo; ao surgimento do princípio contrário à comercialização da notícia do *Intercept* está atrelado o exponencial crescimento de uma empresa mundial de comércio *on-line*. Há, aqui, um funcionamento que vincula o fazer jornalístico alternativo a uma anterior presença expressiva do capital. Logo, “isto supõe que é *impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção” (Pêcheux, 1997, p. 79, grifos do autor). Nessas condições de produção, a independência das pressões e dos interesses do mercado só se torna possível com um anterior investimento de capital.

Essa compreensão das condições de produção do *The Intercept Brasil* e da *Mídia NINJA* é fundamental para analisar os discursos que essas mídias colocam em circulação sobre si, sobre o seu jornalismo e sobre os seus princípios. Isso porque os dizeres “são efeitos de sentidos que

são produzidos em condições de produção determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz” (Orlandi, 2015, p. 28). A partir disso, compreende-se a importância que essa reflexão possui no que se refere aos efeitos de sentidos do discurso jornalístico da *NINJA* e do *Intercept*, afinal, o extralinguístico produz sentidos no que se discursiviza. Logo, o discurso jornalístico de cada uma dessas mídias alternativas, a partir das condições de produção, do fazer jornalístico e das posições que ocupam, produz efeitos de sentido que ora se entrecruzam ora se afastam. A esta pesquisa, então, cabe compreender como essas (des)regularidades constituem a mídia alternativa e como influenciam nos sentidos que são produzidos pelo que noticiam.

2.3 *Quem somos?*

Após analisar as condições de produção da *Mídia NINJA* e do *The Intercept Brasil*, é importante compreender como essas mídias alternativas dizem de si. Em ambos os sites, nas abas *Quem somos* e *FAQ*, além do perfil no site de financiamento *Catarse*, foram selecionadas sequências discursivas que colocam em circulação efeitos de sentido das imagens que essas mídias projetam de si e do que seria um veículo jornalístico alternativo.

SD11. Somos uma **rede de comunicação livre** que busca novas formas de produção e distribuição de informação **a partir da tecnologia e de uma lógica colaborativa de trabalho**. Entendemos a **comunicação democrática como um direito humano e defendemos o interesse público**, a diversidade cultural e o direito à informação, visibilizando pautas de comunicação, causas identitárias, cultura, meio ambiente, juventude e outras que dialogam com os desafios do século XXI (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

A *NINJA*, ao dizer de si, denomina-se como uma “rede de comunicação livre”, ou seja, não está submetida ao capital e aos grandes meios comunicativos, devido a isso, pode produzir um discurso jornalístico que protagonize discursos silenciados pela mídia tradicional ou que não são considerados comercializáveis. Além disso, reitera a sua práxis jornalística: nas redes sociais e por meio de um fazer coletivo. Isso porque, ao produzir as notícias e os conteúdos que circula na internet, não coloca em evidência o sujeito-autor, mas, como apresentado anteriormente, a assinatura é coletiva: NINJA. Desse modo, na *Mídia NINJA* não há um corpo editorial de jornalistas formados, mas sim de sujeitos que buscam democratizar a informação e colocar em circulação pautas não rentáveis que informem a população sobre os desafios enfrentados pelo/no país.

Além disso, é possível apreender com o que a *NINJA* se compromete no seu fazer jornalístico: a defesa do interesse dos sujeitos que estão à margem da sociedade, assim como

de causas que não são discursivizadas na mídia tradicional, como as causas identitárias e o meio ambiente. Essas questões não se relacionam apenas a uma defesa cega de pautas sociais, mas sim a uma visibilização de diferentes vozes, cada qual com a sua verdade e seus sentidos. Isso porque está comprometida não com os interesses do Estado ou do capital, mas sim do público – retomando o seu dizer: é um jornalismo *por e para* o povo. Essa organização, contudo, ocorre de outro modo no *The Intercept Brasil*.

SD12. O Intercept é **um site jovem, feito por jornalistas jovens, uma equipe que se desdobra para dar conta do recado**. Nós não temos uma família proprietária, não vendemos anúncios, não temos conteúdo pago e não enchemos sua tela de banners (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Neste enunciado, retirado do perfil do *Intercept* no *Catarse*, há alguns dizeres que se aproximam e outros que se distanciam do que a *NINJA* diz de si. Ao contrário da última, o *Intercept* é uma mídia alternativa nova, existente há menos de dez anos, a qual preza por um corpo editorial de jornalistas. Assim, não há, aqui, uma assinatura coletiva das matérias publicadas, mas sim um grupo de jornalistas jovens formados que buscam “dar conta do recado”, ou seja, produzir um discurso jornalístico de denúncia e combativo. Além disso, ao colocar em destaque que são “jornalistas jovens”, produz-se sentidos de que o lugar da resistência, do combate e da denúncia pertence à essa parcela da população – essa imagem se aproxima do público jovem, mas desconsidera a importância de os leitores mais velhos também assumirem esse papel disruptivo.

Além disso, é importante para o *Intercept* salientar o seu caráter disruptivo em relação ao capital, afinal, o seu site não é uma “tela de banners”. Assim, reforça o fato de não vender o que noticia ou visar ao lucro, diferente de outras mídias que pertencem a famílias proprietárias. Dessa forma, não estaria sendo financiado por nenhuma entidade ou instituição, o que permite que tenha independência para denunciar corrupções e entraves políticos sem o receio de perder o patrocínio. Isso fica claro quando coloca que

SD13. Somos **uma equipe de jornalistas que ousou mexer com as estruturas** com coragem, independência e um faro investigativo único (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Assim, não é apenas o seu jornalismo que é ousado, mas também os seus jornalistas, os quais ousam serem agentes das transformações político-sociais que ocorrem na sociedade brasileira. É importante pontuar, no entanto, que as duas sequências discursivas anteriores foram retiradas do perfil do *Intercept* no *Catarse*, um site de financiamento coletivo. Em vista

disso, os dizeres que são colocados em circulação ali têm o efeito de sentido de *vender* a imagem dessas mídias e *convencer* o seu leitor-financiador de que está investindo em uma práxis jornalística diferente da tradicional. A sua independência do capital não é plena. Embora ocorra um deslocamento na posição que ocupa em relação à mídia tradicional, o lugar é o mesmo: um veículo midiático que, apesar de alternativo, precisa (r)existir em condições de produção capitalista – o seu discurso é interpelado por esses sentidos.

Outro discurso regular é a responsabilidade e o papel que essas duas mídias alternativas possuem para o jornalismo e para a sociedade.

SD14. O futuro é agora. Crescemos enquanto rede e veículo e entendemos **o tamanho da grande responsabilidade que recai sobre nós**. Desde o desafio da formação de novos comunicadores nas periferias à produção de conteúdos cada vez mais aprofundados. **É tarefa nossa fortalecer o movimento midiativista** e empoderar centenas de pontos da rede, pra que estas sustentem as causas e interesses das comunidades e as suas histórias possam ser contadas de diferentes maneiras (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Nesse contexto, observa-se a compreensão da *NINJA* de que atingiu um alcance significativo, sobretudo por ser uma mídia alternativa, logo, recai sobre si a responsabilidade do seu noticiar. Embora não remeta aos mitos do jornalismo, há um efeito de sentido de credibilidade e veracidade, ocupando o seu lugar de veículo de informação, mas o seu significativo alcance enquanto mídia alternativa a coloca em uma posição outra: não mais um jornalismo *do* povo e *para* o povo, sem filtro e ao vivo – noticiando de dentro –, mas, agora, é necessário um cuidado com “a formação de novos comunicadores nas periferias” e “a produção de conteúdos cada vez mais aprofundados”, ou seja, o seu corpo editorial precisa passar por uma análise e uma preparação, assim como os discursos que são colocados em circulação – observa-se uma tentativa de controlar os sentidos que serão produzidos em suas matérias. Conforme Foletto (2018),

É, então, que começamos a falar do midiativismo que conhecemos hoje: é aquele em que pessoas – ou grupos, organizados em rede – criam seus próprios relatos de acontecimentos, normalmente de interesse público como protestos, manifestações e reuniões coletivas, e assim **disputam uma “guerra de narrativas” com os veículos de referência** (Foletto, 2018, p. 97, aspas do autor e negritos nossos).

Organizada em rede, a *NINJA* assume seu caráter midiativista e passar, a partir dessas mudanças na sua estrutura, a participar de uma “guerra de narrativas” com a mídia tradicional. Assim, deixa de ser apenas uma *alternativa*, para competir por um espaço e pelas narrativas das grandes mídias, as quais buscam estabelecer uma única verdade – a sua. A posição da *Mídia*

NINJA é outra se comparada àquela ocupada durante as manifestações em 2013. O seu protagonismo nas transformações sociais se torna não a consequência do seu jornalismo, mas o objetivo.

Isso porque a *Mídia NINJA*, no seu início, possuía uma rede de comunicadores que precisavam, exclusivamente, identificar-se com a causa midiativista e identitária e denunciar os entraves violentos, mas, agora, há uma preocupação em não só colocar essas causas em evidência, mas também em formar comunicadores que as representam, de fato, como os jovens da periferia. Além disso, apesar de sempre colocar em circulação notícias que rompessem com o silenciamento imposto pela mídia tradicional, como no caso do assassinato da vereadora Marielle Franco, com o alcance maior, faz-se presente a necessidade de um jornalismo que não apenas noticie, mas explore as pautas, os problemas e as violências didaticamente.

Esse movimento outro que assume a *NINJA* visa, como afirma, ao fortalecimento da mídia alternativa, posto que é uma de suas principais representantes no Brasil. Desse modo, ao buscar por um jornalismo mais comprometido com os seus princípios norteadores, a *Mídia NINJA* se coloca em uma outra posição, na qual a sua formação imaginária não remete apenas a uma mídia de resistência, mas sim a um veículo de informação alternativo que produz efeitos de (várias) verdades.

Outrossim, o *The Intercept Brasil* compreende a sua importância enquanto mídia alternativa, sobretudo após o seu crescimento devido ao papel de destaque na denúncia da corrupção ocorrida na Operação Lava Jato e, conseqüentemente, no golpe sofrido pela ex-presidenta Dilma Rousseff.

SD15. Assim, o Intercept Brasil tem dois objetivos: alavancar o reconhecimento deste país imprescindível por todo o mundo e **fornecer uma plataforma para que os excelentes jornalistas e escritores brasileiros compartilhem informações essenciais com seus compatriotas** sobre as questões políticas, econômicas e sociais de seu país (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Nesta sequência discursiva, pode-se analisar as aproximações entre os dizeres de si da *NINJA* e do *Intercept*: a democratização da informação e o comprometimento com a causa da mídia alternativa. Assim, também ao *Intercept* cabe oferecer uma rede que democratize a informação aos brasileiros, mas, diferente da *NINJA*, há o sentido de crescer exponencialmente de forma a ter alcance não apenas nacional, mas internacional, além de construir um corpo editorial que seja composto de jornalistas e escritores – não há o desejo de formar e capacitar sujeitos marginalizados na sociedade. Esse funcionamento pertence à mídia alternativa desde a Ditadura Militar, posto que “a imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças

igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade” (Kucinski, 2018, p. 14). Assim, além do compromisso com a mídia alternativa, o *Intercept* se preocupa em promover uma plataforma/um espaço em que os jornalistas e os escritores possam informar o povo brasileiro sobre os problemas, as lutas e as corrupções que permeia a política do país, com vistas a democratizar o acesso à informação.

Além disso, ao afirmar que as causas e as pautas que coloca em circulação são suas, a *NINJA*, na próxima sequência discursiva, diz que não se filia a um discurso político em detrimento de outro.

SD16. Não existe financiamento ou alinhamento automático com nenhum partido político, apesar de **prezarmos pelo diálogo suprapartidário com todos parlamentares que defendam conquistas e políticas públicas em prol do bem comum** (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Diante disso, embora se possa perceber uma filiação regular aos discursos políticos de esquerda, reiteram-se os sentidos que envolvem a mídia alternativa e o seu fazer jornalístico: não está filiada a partidos políticos, mas sim a causas e pautas que lutam pela igualdade em todos os aspectos. Essa discussão é corroborada por Orlandi (2015),

Não é no dizer em si mesmo que o sentido é de esquerda ou de direita, nem tampouco pelas intenções de quem diz. É preciso referi-lo às suas condições de produção, estabelecer as relações que ele mantém com sua memória e também remetê-lo a uma formação discursiva – e não outra – para compreendermos o processo discursivo que indica se ele é de esquerda ou de direita (Orlandi, 2015, p. 40).

Essa não filiação político partidária é fundamental para um fazer jornalístico desvinculado das mídias tradicionais, das políticas e das ideologias dominantes e do capital, logo, independente – característica fulcral da mídia alternativa. A independência também é destacada no site do *Intercept*.

SD17. Somos um veículo que **não aceita anunciantes e patrocinadores**, postura que garante nossa **independência** (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Ao contrário da *NINJA*, contudo, o *Intercept* volta-se para a desfiliação ao capital – “anunciantes e patrocinadores”. Apesar de isso ser basilar na mídia alternativa, é preciso analisar os efeitos de sentidos que são postos aqui e como se relacionam à imagem que se tem da mídia: a falta de independência percebida nas mídias tradicionais se relaciona ao fato de visar ao lucro, para isso, precisa *vender* o que noticia para o capital, ou seja, para as grandes

corporações. Assim, feito isso, não lhe cabe denunciar os problemas e as corrupções presentes nesse cenário – sua práxis jornalística torna-se dependente.

SD18. Temos planos ambiciosos e continuaremos lutando pelo que é de interesse público, sem medo, sem conchavos, sem grana das megacorporações e sem acordos políticos (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p.).

Nesse sentido, o *Intercept* salienta o que foi posto pela *NINJA*: sendo independente, coloca-se na contramão da ideologia e dos discursos dominantes da mídia tradicional, logo, há um efeito de sentido de uma mídia de resistência, como na Ditadura Militar, a qual precisa manter-se na luta apesar das desfiliações com o discurso hegemônico e o discurso capitalista. Contudo, ao afirmar que “continuaremos lutando pelo que é de interesse público” os sentidos se encontram com os da *NINJA*: as notícias devem atender aos interesses do público, que é formado de sujeitos-leitores-financiadores da mídia alternativa, como se discutirá mais à frente. Os sentidos só são esses porque estão inseridos em uma formação discursiva midiática alternativa, a qual produz um jornalismo voltado para o ativismo e para a democratização do acesso à informação por todos.

2.4 O que pensam sobre a mídia tradicional?

Durante a seleção das sequências discursivas para a análise, percebe-se uma regularidade de efeitos de sentido sobre as imagens que a mídia alternativa projeta da mídia tradicional, tanto a *NINJA* quanto o *Intercept*. Inclusive, os sentidos que circulam essas discursivizações remetem a uma justificativa para a existência de ambas as mídias, a fim de corroborar a sua ascensão jornalística nacional. Logo, é fundamental considerar esses dizeres para compreender o processo discursivo de construção da imagem da mídia alternativa em contraposição à imagem da mídia tradicional.

SD19. As grandes corporações de mídia vivem uma **intensa crise**. Esse momento pode ser entendido em dois aspectos principais: no âmbito **econômico**, de **um modelo pautado pela venda de anúncios** e a circulação física de publicações que não conseguem se adaptar aos novos tempos digitais, e de **credibilidade**, por **anos e anos de omissão e manipulação de informações** em prol do poder econômico e de grupos políticos de seu interesse (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Assim, em um primeiro momento, observa-se a *Mídia NINJA* apontando os problemas da mídia tradicional que a estão colocando em um momento de crise: a submissão a um modelo econômico de venda de notícias e a decadência da sua credibilidade retomando uma memória

de anos produzindo discursos filiados ao discurso hegemônico político e econômico. Ao pontuar esses fatores que levaram à crise da mídia tradicional, a *NINJA* começa a projetar a sua imagem do que é uma mídia alternativa e a que princípios se (des)filia. Afinal, ao jornalismo alternativo estão relacionados o rompimento com o discurso capitalista e com os mitos de verdade, neutralidade, objetividade, imparcialidade e credibilidade. Como afirma Mariani (1999),

O discurso jornalístico, em resumo, funciona *desambiguizando* o mundo, construindo modelos de compreensão da realidade. Daí seu caráter ideológico: por contribuir na construção das evidências, a imprensa atua no mecanismo de naturalização e institucionalização dos sentidos, **apagando alguns processos históricos em detrimento de outros** (Mariani, 1999, p. 112, grifos da autora e negritos nossos).

Nesse ínterim, ao retomar a memória da omissão da imprensa e da manipulação de informações, a *Mídia NINJA* não apenas se refere ao período ditatorial – no qual, inclusive, eventualmente, a mídia tradicional passou se posicionar contrária –, mas também aos acontecimentos políticos, sociais e econômicos do cotidiano, como manifestações e eleições. Embora se omita, esse silêncio significa que cabe à mídia tradicional apagar determinados processos históricos a fim de naturalizar os sentidos que coloca em circulação nas suas plataformas. Esse apagamento, consoante Kucinski (2018), salienta como, de fato, os momentos históricos, como a Ditadura Militar, não são a razão de ser da mídia alternativa, mas sim o seu funcionamento combativo à naturalização de sentidos e à omissão da mídia tradicional.

Além disso, como as mídias alternativas ocupam, essencialmente, o espaço do digital, ou seja, suas plataformas estão em sites, blogs e redes sociais, há uma imagem de inovação e de uma mídia que acompanha os avanços tecnológicos da sociedade – está atualizada. Contudo, o oposto acontece em relação à mídia tradicional, pois

SD20. A **velha mídia** está amarrada a uma linguagem e a um padrão de qualidade que são paradigmas do **jornalismo comercial**, com pouca abertura para experimentação e adaptação às novas formas de produção e interação com a informação permitidas pela explosão das redes sociais (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Desse modo, observa-se que a *NINJA* coloca em circulação o não alinhamento da mídia tradicional aos avanços tecnológicos da sociedade, devido ao fato de ainda remeter a um “jornalismo comercial”, o qual não permite uma independência de produção de conteúdos no digital – que é o diferencial da práxis jornalística alternativa. No entanto, após a ascensão das mídias alternativas nas redes sociais, este espaço também passou a ser ocupado pelos veículos

de comunicação da mídia tradicional, afinal, “estar desconectado é estar isolado espacialmente, mas, sobretudo, no tempo, já que fora da velocidade das redes, o tempo não é compatível com o tempo da economia do conhecimento” (Dias, 2015, p. 6). Assim, considerando uma mídia filiada aos interesses do mercado, não estar presente no digital após o surgimento dessa nova era tecnológica a tornaria incompatível com os interesses do capital. A “guerra de narrativas” (Foletto, 2018) acontece, agora, no mesmo espaço do digital.

Nesse sentido, esses dizeres foram responsáveis por despertar uma nova mídia que não apenas romperia com esses paradigmas, mas atenderia a uma demanda dos sujeitos-leitores. Conforme afirma Greenwald (2016),

SD21. Ficou claro para nós que há um **enorme apetite por formas alternativas de jornalismo** no país. Há muito tempo, o quinto país mais populoso do mundo é dominado por um número reduzido de veículos de comunicação, dos quais a grande maioria apoiou o golpe de 1964 e os 21 anos da violenta ditadura de direita que se seguiram. Essas instituições ainda pertencem às mesmas cinco famílias extremamente ricas e poderosas que tiveram um papel central nesse período. Em um país de tamanha diversidade e pluralidade, **esse monopólio resultou em um mercado de comunicação que asfixia a diversidade e a pluralidade de opiniões** (Greenwald, 2016, n. p., negritos nossos).

Nesta sequência discursiva, o cofundador do *The Intercept Brasil* produz efeitos de justificativa em relação ao crescimento exponencial das mídias alternativas nos últimos anos: o “enorme apetite por formas alternativas de jornalismo no país”. Desse modo, coloca em circulação a insatisfação dos sujeitos-leitores em relação ao que a mídia tradicional produz e noticia. Como exemplo, cita o fato de a maioria dos veículos atuais de circulação ter relação com a Ditadura Militar; assim, retoma-se uma memória não apenas das atrocidades cometidas nesse momento histórico, mas também de como a mídia tradicional auxiliou na manutenção desse regime e de como surgiu a mídia alternativa.

Ainda, em confronto com os mitos do jornalismo, Greenwald constrói a imagem da mídia alternativa – sobretudo do *Intercept* – como uma mídia jornalística que busca a democratização da informação e a existência de diferentes verdades, assim como a pluralidade e a diversidade brasileira. Esse também é o discurso da *NINJA*:

SD22. Além disso, entendemos que neste novo contexto global, **a descentralização e a democratização da comunicação** são fundamentais para dar conta dos desafios de consciência dos cidadãos do mundo. Defendemos e acreditamos que **é fundamental o surgimento e o desenvolvimento das mídias independentes** e buscamos fomentar essa perspectiva a partir de nossas ações (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

A filiação aos princípios midiativistas e midialivristas pode ser percebida nesta sequência discursiva, assim como o porquê de considerarem fundamental que as mídias alternativas continuem a crescer e expandir: descentralizar e democratizar a comunicação, a fim de que todos os cidadãos possam ter consciência dos desafios do mundo em que estão inseridos. Isso só pode ser feito por meio da leitura de notícias e reportagens das mídias independentes, as quais se comprometem, diferente da mídia tradicional, com os interesses do público, a parcialidade, a denúncia da corrupção e das desigualdades sociais e as verdades plurais. Assim, para dar continuidade a esse movimento midiático alternativo, colocam em prática os seus princípios, batalhando por um espaço maior e de destaque em relação à mídia tradicional.

Logo, os efeitos de sentido colocados em circulação pela mídia alternativa sobre a mídia tradicional são essenciais para a compreensão da práxis jornalística da primeira. Isso porque a construção da sua imagem não se desprende da imagem da mídia tradicional: há uma relação de forças e de imagem em jogo. Afinal, consoante Orlandi (2015, p. 39), “pensando as relações de forças, a de sentidos e a antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades”. Portanto, não é um gesto desinteressado colocar mídia alternativa e tradicional em posições que se desencontram, pois é justamente essa construção de imagem alinhada que produz os efeitos de sentidos pertencentes ao modo alternativo de fazer jornalismo da *NINJA* e do *Intercept*.

2.5 O nosso jornalismo

Ao levar em consideração todos os dizeres em relação à mídia alternativa, a posição e o lugar que ocupa e as condições de produção em que surge, pode-se, nesta seção, analisar os efeitos de sentido que a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil* produzem em relação ao jornalismo que colocam em circulação. É importante ressaltar, a princípio, que, ao dizerem do seu jornalismo, não deixam de produzir sentidos *sobre* a imagem do que seria o jornalismo alternativo e dos princípios e das ideologias a que devem se filiar para produzi-lo, assim como há, novamente, o jogo de imagens entre a mídia alternativa e o seu sujeito-leitor.

Para esta análise, foram selecionadas as sequências discursivas abaixo, nas quais se observa, de forma geral, o uso da 1ª pessoa do plural e a reafirmação do discurso plural e independente dessas mídias. Além disso, é possível notar como denominam o seu jornalismo a fim de não apenas o nomearem, mas também de especificá-lo, considerando que mídia alternativa é uma denominação mais ampla, mas que, conforme já discutido nesta dissertação, desmembra-se em inúmeras outras denominações que ainda são (re)significadas. Considera-se,

desse modo, que a denominação mídia alternativa, conforme propõe Braighi e Câmara (2018), é como um guarda-chuva, o qual abarca todas as outras denominações relacionadas, como mídia livre, jornalismo de guerrilha e midiativismo, as quais seriam tipos de mídias alternativas.

SD23. Valorizamos a **multiplicidade de parcialidades** e buscamos alinhar a informação com um conjunto de valores e direitos sociais, com os quais temos compromisso e que para nós são fundamentais. **Nossas pautas são nossas causas.** Acreditamos no movimento e na transformação social, a partir de uma **experiência radical de mídia livre e distribuída**, a serviço de uma **nova narrativa social, mais comunitária e mais afetiva** (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

A primeira questão que é posta nesta SD é o uso da 1ª pessoa do plural (nós). A pluralidade não está apenas nos sentidos e nos discursos, mas também no dizer de si. A *NINJA*, como as outras mídias alternativas, pode discursivizar a “multiplicidade de parcialidades” porque é constituída de uma pluralidade de sujeitos que se filiam a diferentes formações discursivas e ideologias, as quais estão materializadas nas notícias e nos artigos publicados no site. Como consequência disso, a *NINJA* pode afirmar que “nossas pautas são nossas causas”, posto que os sujeitos que escrevem para ela colocam em circulação notícias sobre questões que os interpelam enquanto sujeitos, principalmente ao se considerar a não necessidade de serem, de fato, jornalistas.

Assim, há o efeito de sentido de que, ao contrário da mídia tradicional, na qual as notícias devem ser produzidas com o distanciamento do jornalista, como se fosse possível se destituir dos discursos e das ideologias que o interpelam enquanto sujeito, na mídia alternativa a uma imagem outra: o sujeito-autor deve ser parcial e, sobretudo, defender as causas e as subjetividades que o constituem – destaca-se, contudo, conforme discutido na próxima SD, que a autoria na *NINJA* é coletiva, logo, embora haja as posições ocupadas pelo sujeito que escreve a notícia, elas são deslocadas para a *NINJA*.

Como consequência desse modo de fazer jornalismo, há “uma nova narrativa social, mais comunitária e mais afetiva”. Isso porque, ao dizer de si enquanto notícia os acontecimentos sociais, permite uma identificação do sujeito-leitor com o que está posto ali. Diz-se do acontecimento, mas também das questões sociais, raciais, sexuais, de gênero e de classe que envolvem essa notícia e que se aproximam de uma “experiência radical de mídia livre e distribuída”. Ao significante “radical”, relaciona-se a necessidade que as mídias alternativas possuem de transformarem a sociedade, o discurso e a organização social em que vivem. Já, segundo Foletto (2018), a denominação da *NINJA* como livre e distribuída remete ao conceito

liberal de que as mídias, independente de como se denominem e do que produzam, devem ser livres para noticiarem e produzirem textos que se filiem aos seus ideais.

Desse modo, ao denominar-se como “mídia livre”, a *NINJA* produz sentidos sobre o seu jornalismo e sobre si, além de reafirmar o seu compromisso com as lutas e as causas da sociedade. Ainda, ao acrescentar a denominação “distribuída”, há o efeito de sentido de compreender a comunicação como um direito humano que deve ser facilitado, hoje, por meio do uso do digital, por isso, a busca pela democratização do acesso à internet não se desvincula da democratização do acesso à informação – principalmente daquela que não é produzida pelas mídias tradicionais associadas ao capital. Percebe-se, assim, como

O digital produziu **uma mudança na discursividade do mundo**, [...] nas relações históricas, sociais e ideológicas, na constituição dos sujeitos e dos sentidos, mas também na forma dos relacionamentos, do trabalho, da mobilidade, dos encontros, até mesmo do fazer científico, do qual faz parte a maneira de sua produção e seus meios de circulação (Dias, 2016, p. 9, negritos nossos).

Não há como falar de mídias alternativas hoje sem considerar a digitalização do mundo e as transformações que propiciou na “discursividade”, como pontua Dias (2016). Afinal, é nesse contexto de rede (de sujeitos filiados às mesmas formações discursivas e de internet) que a mídia alternativa pode discursivizar o mundo e pluralizá-lo a seu modo, o que cria uma “guerra narrativa”, como define Foletto (2018), com os meios tradicionais de jornalismo. É devido a isso que, em especial a *NINJA* e o *Intercept*, fazem uso da 1ª pessoa do plural para falar de seu jornalismo, pois há uma “guerra” entre o que é a prática *deles* e a *nossa*. Outro subterfúgio usado pela *NINJA* para materializar essa posição é a assinatura coletiva.

SD24. Assim, uma boa parte dos realizadores envolvidos na Rede NINJA optam apenas pela **assinatura coletiva** Mídia NINJA, mas respeitamos a vontade de colaboradores de manter a autoria individual, e nestes casos damos registros autorais quando solicitados (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Há dois pontos de análise e discussão nesta SD. O primeiro é a assinatura coletiva nas matérias publicadas no site da *Mídia NINJA*, logo, com exceção de quando a autoria individual é solicitada, os textos são assinados por NINJA. A autoria não é apenas um ponto de discussão para a mídia alternativa, mas também para a Análise de Discurso, uma vez que se considera discurso-sujeito e texto-autor. Nessa diferenciação, consoante Orlandi (2015, p. 71), enquanto o sujeito é o resultado da interpelação do indivíduo pela ideologia, o autor representa a prática social, ou seja, é a função do sujeito, tal qual a discussão sobre lugar e posição.

Assim, para que o sujeito assuma a função de autor, Orlandi (2015) destaca a necessidade de que tenha a assunção de autoria. Afinal, sendo sujeito-autor, passa a assumir a responsabilidade pelo que escreve e a marcar, na materialidade linguística, a sua posição social e ideológica, além de estar submetido às regras normativas das instituições sociais, nesse caso, relacionadas à práxis jornalística e à língua. Considerando isso, ao deslocar a autoria dos seus textos do sujeito-autor para a mídia alternativa, a *NINJA* assume a responsabilidade pelos dizeres que coloca em circulação, a fim de que as causas, os confrontos e os debates presentes no seu site a constituam enquanto mídia alternativa. A tomada dessa responsabilidade também retoma sentidos relacionados à perseguição política a que os jornalistas alternativos eram submetidos na Ditadura Militar, logo, essa assinatura coletiva protege(ria) esses sujeitos.

Aqui, é importante mencionar, também, que, no site da *Mídia NINJA*, há uma aba denominada *Opinião* destinada à publicação de colunas e artigos de sujeitos que possuem lugares e posições de autoridade na sociedade, além de compartilharem da luta pelas mesmas pautas e causas da mídia alternativa, como Movimento Sem Terra, Sâmia Bomfim, Sonia Guajajara, entre tantos outros. Ao destinar um ambiente virtual para esses artigos de opinião e nomear seus autores, há um efeito de sentido outro de que, por serem quem são e ocuparem os lugares que ocupam, a autoria deve ser individual. Afinal, embora possam compartilhar da mesma filiação ideológica da *NINJA* enquanto mídia, colocam em circulação especificidades em relação aos movimentos e às causas que defendem, logo, é importante a assunção da autoria para que ocorra a responsabilização pelos dizeres.

Apesar de ser uma prática comum entre as mídias alternativas, o *Intercept* não usa a assinatura coletiva, pelo contrário, percebe-se uma valorização do lugar de jornalista ocupado pelos sujeitos e pelas posições que ocupam a partir desse lugar. Assim, não apenas há a autoria nomeada em cada notícia e reportagem, como todos os jornalistas estão nomeados individualmente no site. Além do sentido de valorização, conforme mencionado, a autoria individual, com o nome do jornalista, transfere a responsabilidade pelo que está sendo colocado em circulação nele, ausentando o *Intercept* de ser alvo de possíveis processos jurídicos – os quais, geralmente, são direcionados aos seus jornalistas individualmente. A questão da autoria, nesse sentido, coloca-se como um diferencial entre as duas mídias alternativas, produzindo sentidos sobre o jornalismo que fazem.

Essa individuação dos sujeitos-jornalistas do *Intercept* remete à SD05, na qual este diz que oferece liberdade editorial para os seus jornalistas, assim como o suporte legal. Considerando as questões de Orlandi (2015) sobre autoria, a presença dos nomes dos jornalistas mobiliza a noção de assunção de autoria e a consequente *responsabilização* pelos dizeres que

são colocados em circulação por esses sujeitos no site do *Intercept*. A essa responsabilização não se associam apenas os sentidos de assumir o que é dito, mas também de responsabilização jurídica. Afinal, nomeando os autores das matérias, as quais são escritas a partir de um jornalismo destemido, combativo e de denúncia, como o denomina, as consequências judiciais serão feitas também de forma individual para cada sujeito-jornalista. Por isso, a necessidade de destacar que oferece o suporte legal para o seu corpo editorial. Ademais, percebe-se que, se a assinatura fosse coletiva como na *NINJA*, as consequências afetariam a mídia alternativa como um todo, não cada sujeito-colaborador-jornalista.

SD25. Trata-se de uma ecologia de produção de conteúdos que tem **capacidade de incidir diretamente nas disputas de imaginário contemporâneas** e colaborar com a obtenção de conquistas públicas da sociedade. Em razão disso, compreendemos que muitas vezes estamos na **contramão dos interesses dos veículos que fazem parte do sistema de comunicação corporativo** no Brasil, faz parte da disputa, e a Mídia *NINJA* **escolheu um lado** (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Como posto anteriormente a partir de Foletto (2018), cria-se uma “guerra narrativa”, posto que, enquanto a mídia tradicional busca desambiguar o mundo a partir dos mitos do jornalismo (Mariani, 1999), a alternativa faz o contrário: produz uma disputa de narrativas ambigüizando o mundo de modo plural. Além disso, por ser uma mídia contra-hegemônica, desfilia-se dos interesses econômicos e sociais da mídia tradicional, logo, posiciona-se. O posicionamento, aqui, não se limita apenas a dizer do seu jornalismo, mas também de ocupar uma posição enquanto mídia alternativa. Afinal, tem a capacidade de participar dessa disputa de narrativas e de discursos que ocorre hoje não apenas com a mídia tradicional, mas também entre as próprias mídias alternativas, as quais discursivizam as suas lutas, as suas causas e o seu posicionamento diante das dificuldades e dos problemas encontrados no mundo. É interessante considerar, a partir dessa análise, a importância da parcialidade não apenas como um rompimento em relação ao discurso jornalístico tradicional, mas também como parte da constituição da *NINJA*. Ao desfiliar-se do capital, “escolheu um lado”: o seu.

SD26. Para este **projeto piloto** [o *The Intercept Brasil*], reunimos uma excelente equipe de jornalistas e editores brasileiros (**conheça nossa equipe aqui**) que produzirão **matérias originais** sobre as questões políticas, econômicas, sociais e culturais a serem publicadas **na versão em português de nosso site**. Também trabalharemos com jornalistas freelance de destaque e outros **veículos independentes**. Além disso, vamos **traduzir nossos artigos** de interesse internacional para o inglês, além de **publicar outras traduções** de matérias do Intercept em português (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Nesta SD, destaca-se, logo de início, a denominação recebida pelo *Intercept*: “projeto piloto”, ou seja, um experimento jornalístico. Diferente da *NINJA*, as condições de produção do *Intercept* não remetem a como, comumente, as mídias alternativas surgem, afinal, em um primeiro momento, não envolveu movimentos sociais ou reivindicações populares. Como já discutido em seções anteriores, não apenas surgiu de investigações jornalísticas relacionadas ao processo de golpe da então presidenta Dilma Rousseff, mas, como mídia, recebeu o apoio do jornal alternativo estadunidense *The Intercept*, inclusive, mantendo a denominação na língua inglesa, com o acréscimo de Brasil. Considerando, ainda, a sua relação com o criador do *e-Bay*, o efeito de sentidos produzidos é outro. Logo, essas denominações produzem sentidos tais que a imagem do *Intercept* se distancia daquela esperada de uma mídia alternativa, aproximando-se, inclusive, da imagem de pertencer a uma corporação midiática.

Além disso, nesta SD, observa-se como, de fato, a denominação alternativa não abrange as especificidades de todas as mídias que se colocam na contramão da mídia tradicional. Afinal, além da já mencionada equipe de jornalistas, o *Intercept* diz do seu jornalismo de um modo outro: por ser uma versão em língua portuguesa, no seu site, o sujeito-leitor não apenas encontrará notícias inéditas em português, mas também notícias traduzidas que remetem a questões políticas, sociais e econômicas dos Estados Unidos da América – país sede do *The Intercept* e o principal disseminador das ideias capitalistas e da produção de uma notícia propagandística, ou seja, usada como ferramenta para *vender* suas ideologias. Assim, há a filiação discursiva a uma mídia que busca a democratização do acesso à informação, que é “o compromisso primeiro da Mídia Livre”, ou seja, “um ativismo social direcionado” (Braighi; Câmara, 2018, p. 29), mas que não é completamente independente da interpelação do capital.

SD27. Uma das possibilidades mais interessantes do processo de **comunicação ativista** é a possibilidade de **ruptura com o falso mito da imparcialidade do Jornalismo Corporativo**. Nesse contexto, **o cidadão que se vê como um veículo** ou faz parte de uma rede de **midialivismo** não está em um protesto apenas para fazer o registro. Ele é um corpo da multidão e **a comunicação é uma das formas de mobilizar e organizar** (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Além de denominar-se como uma rede de comunicação ativista mais uma vez, a *NINJA* reforça como essa filiação permite que rompa com os mitos do jornalismo, principalmente, a imparcialidade, a qual está diretamente relacionada a um jornalismo corporativo. Há, hoje, uma expressiva presença ideológica capitalista, a qual não apenas rege a economia mundial, mas também o modo de se fazer jornalismo. Afinal, com a necessidade de se manter no mercado, as mídias tradicionais *vendem* as notícias: produzem matérias com intenção de propagar ideais das

grandes corporações ou de determinados partidos políticos e transformam os seus sites em verdadeiros *outdoors* digitais. Para a mídia alternativa, além desse movimento capitalista das mídias materializar a sua parcialidade, há também um efeito de sentido que diverge dos princípios do jornalismo, com destaque para a democratização do acesso à informação, posto que, em alguns sites de mídias tradicionais, o acesso só é possível a partir da assinatura mensal ou anual do jornal.

Contudo, há sujeitos e mídias que se posicionam de modo contrário. Ao trazer o “cidadão que se vê como um veículo” e o “midialivrismo”, a *NINJA* retoma a importância do digital para a resistência às mídias tradicionais, pois não é necessário um espaço institucionalizado para produzir notícias e discursos, apenas compreender que o sujeito também possui a função de autor, essencialmente nas redes sociais (Orlandi, 2015). Além disso, ao usar a denominação “midialivrismo”, como já mencionado, retoma-se a principal objetivo das mídias: a produção livre e democrática de notícias com acesso a todos. Aqui, no entanto, há um embate de sentidos: ao mesmo tempo que o midialivrismo filia-se a esse princípio, também está filiado à formação discursiva neoliberal, pois, nesta, o acesso livre à informação e a liberdade de expressão associam-se à ideologia neoliberal de livre informação e livre comércio – inclusive dessa informação. Depara-se, desse modo, com o equívoco: “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 2008, p. 53).

SD28. Jornalismo que transforma **custa caro**, leva **processo** e **não dá lucro!** (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

SD29. **Nosso** jornalismo é revolucionário – e **nosso modelo de negócio também** (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Para finalizar a discussão referente a como a *NINJA* e o *Intercept* dizem do seu jornalismo, analisam-se as duas SDs acima. A priori, é necessário pontuar que ambas foram retiradas do perfil do *Intercept* no site de financiamento coletivo *Catarse*, no qual diferentes iniciativas buscam auxílio financeiro para continuarem com seu objetivo. Afinal, embora sejam mídias independentes e contrárias ao capital, são interpeladas por essa ideologia e precisam, assim como a sociedade, submeter-se a ela, como afirma Pêcheux (1990), “[...] as ideologias dominadas se formam *sob* a dominação ideológica e *contra* elas, e não em um ‘outro mundo’, anterior, exterior ou independente” (Pêcheux, 1990, p. 16, grifos e aspas do autor). Desse modo,

mesmo que contrárias à ideologia capitalista, às mídias alternativas só é possível resistir sob a dominação dessa ideologia.

Na primeira SD, por exemplo, ressalta o caráter independente de sua mídia, posto que não faz uso de publicidade para manter o site e os jornalistas. No entanto, como colocado, não escapam da necessidade de serem financiados de algum modo para continuar a poder denunciar as injustiças e as corrupções presentes na sociedade brasileira. Isso porque manter um jornal, mesmo no ambiente digital, é custoso, bem como manter o corpo editorial e os funcionários que o *Intercept* possui a fim de criar a imagem de uma mídia que, embora alternativa, é séria. A questão da ausência de lucro ocorre por duas razões: não *vendem* suas notícias para as corporações e não limitam o acesso para que o sujeito-leitor precise pagar uma assinatura – pois o acesso à informação, para a mídia alternativa, deve ser democrático. Ainda, devido a esse jornalismo, são processados, logo, precisam de dinheiro para se protegerem, assim como os seus jornalistas, judicialmente.

Contudo, apesar de afirmarem que a sua práxis discursiva é revolucionária e “transforma”, filiam-se a uma formação discursiva diversa da da mídia alternativa ao usarem “nosso modelo de negócio” para referir-se ao *Intercept*. A denominação não é mídia livre, midiativismo, mídia alternativa, jornal independente, entre as tantas outras, mas sim de um negócio. Essa falha no significante, contudo, é parte do processo de significação para a Análise de Discurso, uma vez que o *Intercept* está “sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa. Se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, **derivam para outros sentidos, para outras posições**” (Orlandi, 2015, p. 51, negritos nossos).

Diante disso, ao denominar a sua estrutura jornalística de negócio, o lugar de mídia alternativa e a sua posição enquanto mídia livre se tornam outros, bem como os sentidos. Afinal, na formação discursiva midiática alternativa não cabe comparar o seu fazer jornalístico a um negócio, não é permitido esse dizer. Os sentidos que permeiam essa denominação aproximam-se não apenas da formação discursiva midiática tradicional, mas principalmente da ideologia capitalista de produção e das grandes corporações – que tão veementemente são criticadas pelas mídias alternativas, inclusive pelo *Intercept*. Esse desliz, inclusive, afasta o seu fazer jornalístico de ser revolucionário, uma vez que não somente esse modelo já existia antes mesmo da Ditadura Militar, mas não consegue se manter desfilado dos dizeres referentes ao capital.

Em vista das discussões em torno da mídia alternativa e dos dizeres de si, observaram-se as denominações que foram usadas para dizer de si e do seu jornalismo. Embora seja importante retomar que, nos estudos da Comunicação, ainda se tenha muita discussão sobre os

conceitos relacionados a cada denominação e se uma mídia pode se enquadrar em apenas uma, há um consenso de que mídia alternativa seria a denominação ampla, a qual estaria ramificada em inúmeras outras a fim de abranger as especificidades de cada uma.

A partir disso, não se deve considerar que o modo como as mídias alternativas se denominam está apenas na ordem da língua, mas produz sentidos na ordem do discurso, inclusive, relacionando-se com as condições de produção e a exterioridade. Além disso, também atravessa a produção de sentidos dessas mídias alternativas, pois há uma filiação discursiva outra, a qual pode deslocar sentidos. Ao longo desta seção, foi possível analisar os dizeres e as denominações de si dessas duas mídias, o que permitiu compreender como se aproximam e como se afastam, além da sua relação com o movimento de mídias alternativas.

3. QUEM FINANCIA É VOCÊ

Além das discussões e das análises já apresentadas, durante a seleção do corpus desta pesquisa, destacou-se a relação de sentidos existente entre a mídia alternativa e o discurso capitalista. Embora sejam, veementemente, defensores da sua independência econômica, tanto a *Mídia NINJA* como o *The Intercept Brasil* precisam de financiamento para continuarem a sua produção, afinal, são interpelados pela ideologia capitalista dominante na sociedade atual. Devido a isso, é fundamental analisar, neste capítulo, as sequências discursivas selecionadas do site da *NINJA* e do *Intercept* (neste, foram retiradas predominantemente da aba *Perguntas Frequentes*) e dos perfis de ambos no site de financiamento coletivo *Catarse*.

SD30. A Mídia NINJA é fruto do **investimento do trabalho de seus colaboradores**, e conta com a estrutura e força de trabalho da rede Fora do Eixo para realizar suas atividades, além de **organizações internacionais que se interessam em custear** a formação de novos agentes de comunicação e a produção de conteúdos ligados às questões socioambientais e culturais. Temos **autonomia dos poderes econômicos e políticos**, que **não determinam nossa linha editorial nem os conteúdos** que queremos comunicar (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Em primeiro lugar, aqui, é importante analisar o efeito de sentido da palavra *investimento* nessa formação discursiva midiática alternativa, posto que, em outras formações discursivas, é uma palavra relacionada ao capital, principalmente em discursos relacionados à economia. No entanto, o investimento, neste caso, não é financeiro, mas sim da força de trabalho dos próprios colaboradores da *NINJA*. Embora a imagem pareça desassociar-se da mídia tradicional, o que se observa é a reprodução desse discurso: apesar de alternativa, a *Mídia NINJA* precisa de investimento financeiro e depende do trabalho dos seus colaboradores. Consoante Althusser (2024, p. 63), há “uma reprodução da submissão à ideologia dominante”, pois, mesmo em contraponto aos interesses comerciais do discurso jornalístico, não é possível se desvencilhar da ideologia dominante, na qual, independente de como ocorre, deve haver investimento e trabalho.

Além disso, nesta SD, a *Mídia NINJA* reafirma a sua posição de “autonomia dos poderes econômicos e políticos”, os quais não seriam responsáveis por determinar o que podem ou não veicular no seu site. Assim, retoma-se a constituição do seu fazer jornalístico em relação ao da mídia tradicional, posto que, ao contrário desta, a *NINJA* não troca seus princípios e suas causas pelo investimento econômico dos grandes meios de produção; outrossim, mesmo sendo um jornalismo parcial, é independente de ideologias partidárias. Ainda, a possibilidade dessa

autonomia ocorre devido a sua presença no ambiente digital, o qual permite que qualquer um possa colocar em circulação discursos sobre o que pensa e o que desaprova.

O que, no caso aqui em tela, não deixa de ser irônico, pois a internet, que surgiu no coração do capitalismo e para servir a seus interesses, acabou produzindo uma brecha, ou uma falha, como diz Pêcheux, e tem servido como **espaço de crítica e de resistência** à imprensa tradicional que serve fielmente ao sistema capitalista no Brasil (Indursky, 2017, n. p., negritos nossos).

Nesse sentido, a desfiliação da mídia alternativa ao capital em uma plataforma criada, inicialmente, para servir ele é resultado de uma falha no seu funcionamento. Tornando-se, desse modo, espaço também de resistência, posto que, para a Análise de Discurso, esta “é da ordem do não conformismo, da não repetição, do não logicamente estabilizado” (Ferreira, 2015, p. 162). Essa resistência aparece ao dizer da autonomia econômica e, consequentemente, discursiva que possui devido à não submissão aos interesses do capital, usando outros artifícios para garantir a sua existência apesar de a *NINJA* estar situada *sob* essa ideologia dominante, como as “organizações internacionais que se interessam em custear” esse projeto, ou seja, de voluntários que *escolhem* participar desse funcionamento outro da mídia alternativa.

Apesar de discursivizar e materializar essa posição, durante esta seção, será possível analisar se esses dizeres são percebidos no que continuam a falar sobre a sua relação com o capital.

SD31. Por outro lado, inexistem políticas públicas que – de forma transparente – democratizem os investimentos de comunicação aos veículos independentes e mesmo os próprios veículos públicos de comunicação, que operam de forma precária (Ninja, [s. d.], n. p.).

Já nesta SD a *NINJA* ressalta como os investimentos de políticas públicas governamentais não são direcionadas para as mídias alternativas que atuam de modo independente – mesmo que nem os veículos públicos possuam os investimentos adequados. Ao fazer essa afirmação, a *NINJA* retoma a sua posição como uma mídia alternativa midialivrista, como supracitado, ou seja, aquela que anseia pela democratização do acesso à informação por meio do apoio à manutenção de mídias que se filiem a esse discurso.

Afinal, ao precarizar a promoção de políticas públicas relacionadas a esse acesso, o governo não apenas se omite, mas também assume uma posição perante os discursos que são colocados em circulação e perante a existência de sujeitos desinformados sobre os acontecimentos políticos, sociais e econômicos do país – ou que, na contemporaneidade, tem acesso a notícias falsas (*fake news*) publicadas nas redes sociais. Esse silenciamento a que a

população é exposta impede que conheçam seus direitos e que lutem para que não sejam perdidos. O efeito de sentido é de uma mídia que não tem a quem recorrer a não ser ao seu leitor. Por isso, usam a sua plataforma para cobrar do governo ações efetivas, como é possível observar na próxima SD.

SD32. Defendemos **maior investimento público** em novas mídias e novos veículos por meio de **editais abertos e transparentes**. Este é um dos desafios políticos fundamentais **para a efetiva democratização da comunicação** no Brasil e no Mundo (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Ao usar a sua plataforma, principalmente as abas *Quem somos* e *Perguntas Frequentes*, a *Mídia NINJA* coloca em prática a sua práxis jornalística. Afinal, como já mencionado, ao denominar-se como uma mídia livre, na qual a comunicação e a informação devem ser disseminadas a todos, sem distinção, assume essa posição. Todavia, pontua como um jornal independente não é capaz de proporcionar essa democratização completa sozinho, principalmente se estiver desfilado dos interesses do capital, posto que, mesmo ocupando o digital, nem mesmo a conexão à internet é garantida a todos. Além disso, não vendem o seu espaço de voz para fazer publicidades ou sequer cobram pela leitura das notícias que publicam, logo, não gera lucro, o qual poderia ser usado para investir no maior alcance da *NINJA*, além da sua subsistência. Desse modo, o apoio do Estado se mostra fundamental para essas mídias, como salienta, com a abertura de editais que sejam transparentes e auxiliem as mídias alternativas a democratizarem a informação.

Percebe-se, nessa SD, um deslocamento não apenas de dizer, mas também de posição. Embora se denomine como uma mídia independente, não é possível que a *NINJA* atue com seu projeto sem considerar a ideologia capitalista que não apenas a rodeia, mas constitui os sujeitos que fazem parte dessas condições de produção e que são colaboradores *NINJA*. Nesse transitar de uma posição para a outra, percebe-se uma necessidade da *NINJA* de manter a sua independência no que se refere ao que pode discursivizar e às pautas que pode defender, mas se mantém próxima da ideologia capitalista que rege o noticiar da mídia tradicional no que tange aos financiamentos. Ademais, cabe destacar, também, o efeito de sentidos produzido pela proposta de apoio governamental na manutenção das mídias alternativas, posto que, para estas, a autonomia político-partidária e econômica é necessária para que não produzam matérias filiadas a seus discursos, tornando-se, assim, dependentes.

Essa questão aproxima os lugares da mídia alternativa e da mídia tradicional. Afinal, uma vez que a última já recebe apoio governamental (mesmo que precário), colocar em

circulação dizeres de que a primeira também precisa desse apoio para continuar a ser um discurso jornalístico alternativo é ponto de encontro das formações discursivas midiáticas. No entanto, mesmo nessa aproximação, há resistência da parte da mídia alternativa, uma vez que não cede à possibilidade de receber financiamento de empresas e partidos políticos, por exemplo, a fim de não romper com os princípios alternativos que a constituem.

SD37. Nós não usamos paywall (a **página chata** que te obriga a pagar ou se cadastrar para ler a notícia) porque acreditamos que **nosso trabalho deve estar acessível para todos**, não importa quanto dinheiro tenham. É graças a contribuições de **pessoas como você** que deixa isso possível (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Ademais, nesta SD, o *Intercept*, assim como a *NINJA*, defende o acesso democrático à informação, o qual só poderá ser alcançado com a consolidação das mídias alternativas. Ainda, salienta como a questão de classe não deve ser um fator de impedimento para que a população acesse a informação, pelo contrário: “não importa quanto dinheiro tenham”. Assume a posição, então, de uma mídia livre, à qual interessa a democratização da comunicação, não a geração de lucro.

Ainda, ao denominar as mídias tradicionais de “página chata que te obriga a pagar ou se cadastrar para ler a notícia”, o *Intercept* já se coloca como (um)a alternativa. Afinal, desfilado da formação discursiva midiática tradicional e das ideologias capitalistas, oferece uma plataforma que é independente e que não nega ou limita o acesso à notícia. Contudo, para que essa práxis jornalística seja verdadeira, é preciso que “pessoas como você” continuem a contribuir financeiramente a fim de não ser necessária a venda de notícias para a manutenção do *Intercept*.

Nas sequências discursivas já apresentadas, observa-se que as mídias não falam com o sujeito-leitor, com exceção das que colocam em circulação dizeres sobre financiamento. Embora o efeito de sentido seja de uma aproximação entre o *Intercept* e o seu leitor, a materialidade linguística para promover esse efeito poderia ter se mantido com o uso da 1ª pessoa do plural, como foi percebido anteriormente. Afinal, além de indicar a pluralidade de vozes, esse uso também inclui o sujeito-leitor na constituição do jornalismo alternativo – o qual é comprometido com os interesses do público e feito *por* e *para* ele. Contudo, ao se dirigir diretamente ao sujeito, o funcionamento se desvencilha de um veículo midiático para ocupar um espaço outro: o de uma plataforma que precisa ser financiada.

SD33. Juntos podemos muito mais. **Quem financia a Mídia Ninja é você!** (Ninja, [s. d.], n. p., negritos nossos).

No decorrer das sequências discursivas das duas seções anteriores, nota-se que nem a *Mídia NINJA* nem o *The Intercept Brasil* conversaram com o leitor. Contudo, reitera-se que essa regularidade se desfaz quando o dizer deixa de ser sobre o seu jornalismo e os seus princípios e passa a ser sobre a necessidade de pedir ao leitor que contribua financeiramente para o projeto da mídia alternativa. Nesse sentido, a SD33 foi retirada do perfil da *Mídia NINJA* no site de financiamento *Catarse*, no qual, como previamente comentado, empresas, movimentos e outros projetos *se vendem*, isto é, precisam expor as razões que os fazem *valer* o investimento do sujeito-leitor. Por isso, a *NINJA* chama o leitor para si, produzindo efeitos de sentido de aproximação, como o *Intercept*: são um só – “juntos podemos muito mais”. Neste enunciado, cabe destacar que o uso da 1ª pessoa do plural não se refere à rede de colaboradores da *Mídia NINJA*, como era o caso nas sequências discursivas anteriores, mas promove esse efeito de sentido de unidade.

Desse modo, ao fazer uso dessa função, há um funcionamento outro que busca persuadir o leitor a participar do financiamento coletivo, afinal, considerando-se as condições de produção do jornalismo alternativo no Brasil, se o sujeito-leitor não colaborar, será também o responsável pelo fim da *NINJA*. Assim, considera-se “formação discursiva ‘espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma ‘intersubjetividade falante’ pela qual cada um sabe de antemão o que o ‘outro’ vai pensar e dizer..., e com razão, já que o discurso de cada um reproduz o discurso do outro’” (Pêcheux, 2014b, p. 161, aspas do autor). No “saber de antemão” o que o seu leitor pensa e diz, a partir da imagem que a *NINJA* possui de quem é o seu leitor e de quais são as suas filiações ideológicas, considerando a imagem que constrói de si, a mídia alternativa compreende que, por ter semelhantes filiações com o sujeito que a acompanha, ele se alinhará, também, à sua necessidade de financiamento, contribuindo para que essa mídia continue a (r)existir.

Após colocar em circulação a sua posição de independência e contrariedade ao capital, à *Mídia NINJA* cabe *vender-se* não ao Estado – pois, como já posto, este não se compromete em fornecer os meios necessários para que o financiamento estatal ocorra – ou aos grandes conglomerados econômicos, mas ao seu leitor. Ao cidadão comum. Àquele que acompanha as suas notícias e que apoia o movimento midialivrista. Mais uma vez, faz-se notório como, apesar do seu discurso, a mídia alternativa não se mantém fora do capitalismo, bem como nenhum dos sujeitos contemporâneos, já que são todos submetidos à ideologia dominante. Nessa sequência discursiva, portanto, é importante o jogo de imagem que, desde o início das discussões desta dissertação, a mídia alternativa – tanto a *NINJA* quanto o *Intercept* – constrói de si, do seu leitor

e da relação existente entre ambos – há uma expectativa de como cada um se comporta nesse embate discursivo, ideológico e econômico.

SD34. O tipo de **jornalismo que fazemos é custoso** e precisamos do **apoio de leitores para ajudar a manter o Intercept Brasil firme e independente**. Por isso, criamos um programa de **financiamento coletivo que facilita o investimento** em reportagens corajosas e de qualidade nas quais **você pode confiar** (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Ao se voltar para o discurso do *Intercept*, observa-se o dizer sobre a sua práxis jornalística: é custosa. Isso porque, como já mencionado em outras SDs, o *Intercept* precisa manter o grupo de jornalistas que possui, assim como precisa arcar com os processos jurídicos, pois, devido ao jornalismo combativo que faz, é constantemente afetado pelas questões judiciais. Assim, para produzir essas reportagens, precisa “do apoio de leitores” para continuar a ser “firme e independente”. Ao considerar os não ditos nesse enunciado, tem-se o efeito de sentido de que, sem o apoio dos leitores, não poderá mais fazer esse tipo de jornalismo e não terá meios para denunciar as corrupções e as injustiças que ocorrem na política e na sociedade brasileira. O apoio, portanto, é fundamental para que continue a atuar como uma mídia alternativa e produzir reportagens que sejam confiáveis, ou seja, que não se submetam aos interesses do capital e das corporações midiáticas.

Ainda, bem como a *NINJA*, a independência do *Intercept* só é possível com o apoio dos leitores. A posição de uma mídia que não se vende à publicidade acarreta a necessidade de financiamento de outras formas, posto que, em um mundo capitalista, em que os sujeitos são atravessados por essa ideologia, não há como existir sem considerar as relações de classe e capital. Por isso, a criação do financiamento coletivo, para as mídias alternativas, torna-se o caminho mais viável: os sentidos se desdobram no fato de que, por serem mídias alternativas e plurais, com um jornalismo *do* e *para* o povo, a coletividade também deve aparecer nessa situação. Esse efeito de sentidos é possível porque,

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever/dizer, em que **os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas** (Orlandi, 2015, p. 50, negritos nossos).

Afinal, inserido em uma formação discursiva midiática tradicional, pedir o apoio dos leitores não é possível e nem mesmo produziria os mesmos sentidos de coletivo e pluralidade, como se percebe no discurso jornalístico alternativo. Assim, é a partir das suas condições de

produção e da sua filiação discursiva que ao *Intercept* cabe ocupar essa posição e discursivizar, retomando a memória de quem é a mídia alternativa, a necessidade de um fazer jornalístico conjunto não apenas na denúncia, mas também na manutenção da sua organização e da sua estrutura.

Outrossim, retoma-se que, como foi analisado sobre a práxis do *Intercept* nas seções anteriores, há uma aproximação da sua organização com a da mídia tradicional: jornalistas formados e capacitados para o cargo, editores, advogados e compromisso com o leitor – o efeito de sentido é de que, diante desses fatores, o *Intercept* circula uma imagem de credibilidade e de jornalismo. Logo, é fundamental para ele que o seu leitor mantenha essa imagem, por isso, afirma que, com o apoio no financiamento coletivo, continuará a produzir conteúdo em que “você pode confiar”. A (des)associação com a mídia tradicional não está apenas no que não é em relação a ela, mas também no modo como se aproximam.

Por fim, como será visto ao longo das sequências discursivas desta seção, há um funcionamento outro sendo mobilizado, o qual pertence à formação discursiva que, nesta dissertação, será denominada publicitária⁹ – esse funcionamento aparece principalmente nos enunciados presentes no *Catarse*. Essa filiação discursiva está, nesta SD, quando o *Intercept* fala com o sujeito-leitor: “você pode confiar”. Os sentidos que são produzidos nesse enunciado retomam a linguagem pertencente à formação discursiva publicitária, criando um jogo de imagem para que o leitor possa apoiar o financiamento coletivo; assim como as grandes corporações e empresas: está *vendendo* não um produto, mas sim o projeto jornalístico alternativo. Embora retomem, várias vezes, que são mídias independentes, não lucrativas e que não veem a notícia como um produto, deparam-se com essa falha. Logo, percebe-se que “a resistência [aos interesses do capital] tende à polissemia, à ruptura no processo de produção de sentidos, ao deslocamento, que não se dá independentemente da repetição, mas na retomada de um dizer sempre em curso” (Dela Silva, 2015, p. 210).

Ademais, a busca de reforçar a imagem de uma mídia na qual se pode confiar antes de dizer sobre a necessidade de financiamento aproxima-se de outra tentativa: a de controlar os sentidos. Desse modo, conforme afirma Indursky (2017),

[...] não podemos ser ingênuos e pensar que, com a comunicação em rede, tudo mudou, que a liberdade plena foi alcançada. Este espaço também está **sujeito ao controle dos sentidos**, e às tentativas de desqualificação de determinadas tomadas de

⁹ A escolha pela denominação *publicitária* se dá devido à aproximação com os dizeres e os sentidos encontrados em peças publicitárias e em propagandas, as quais são produzidas com *intencionalidade*, ou seja, com o objetivo de *vender* um produto ou uma ideia para o sujeito-consumidor.

posição. Mas a grande diferença que o espaço eletrônico oferece é que não está blindado (Indursky, 2017, n. p., **negritos nossos**).

Diante disso, é nessa tentativa de controle, ao conversar com o leitor a fim de que a imagem da *NINJA* e do *Intercept* não seja desassociada da mídia alternativa, que se depara com a falha de um ritual. Nas sequências discursivas anteriores, ambas as mídias discursivizaram a sua contraposição em relação à mídia tradicional, salientando, para o sujeito-leitor, as diferenças e as falhas desta. Assim, o efeito de sentidos era de uma mídia que não apenas atuaria como uma alternativa, mas que não teria as mesmas falhas. Como pontuou Pêcheux (2014c), “apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como *ritual* supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, “uma palavra por outra” é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça” (Pêcheux, 2014c, p. 277, **aspas e grifos do autor**). A partir das brechas da mídia tradicional, construiu-se a práxis jornalística alternativa e a sua independência do capital. Contudo, embora se tenha observado outros momentos em que os sentidos escapam à mídia alternativa, é na desassociação completa do capital que se percebe essa incompletude.

SD35. Sua **doação é crucial** para impulsionar investigações e ações legais. A verdade não pode mais ser silenciada. **Faça sua doação agora!** (Greenwald, 2016, n. p., **negritos nossos**).

Aqui, o *Intercept* troca “uma palavra por outra”, retomando Pêcheux (2014c, p. 277), e deixa de dizer do financiamento coletivo para dizer de doação. O efeito de sentidos se torna outro: a doação pressupõe um ato de caridade que, em tese, estaria desvinculado de ideologias políticas e econômicas – o que, para a Análise de Discurso, não é possível. Assim, ao denominar o financiamento de doação, a credibilidade da mídia alternativa não estaria corrompida, uma vez que o efeito de sentido não é o de estar vendendo as notícias, mas o de estar possibilitando que os sujeitos-leitores, a fim de se sentirem parte desse movimento jornalístico alternativo, possam apoiá-lo financeiramente. Desse modo, observa-se a “[...] relação entre um dizer e as suas rupturas funcionando simultaneamente, pensando assim **a possibilidade de resistir como o espaço do dizer outro, como o sentido que se move**, ainda que em uma fração de segundos, por causa e apesar da interpelação ideológica” (Dela Silva, 2015, p. 209, **negritos nossos**). Na troca de palavras, há o espaço da resistência. Novamente, topa-se com o sentido que escapa, que se torna outro.

No final da SD, o *Intercept* volta a se filiar ao funcionamento da formação discursiva publicitária, o produzir um efeito de sentido de ordem e de imediatismo, posto que não há

espaço para a possibilidade de não fazer a doação ou de fazê-la em outro momento: “Faça sua doação agora!”. Aqui, o efeito de sentido não é mais de uma doação voluntária e despretensiosa, mas sim de uma necessidade da mídia alternativa. A mobilização desse funcionamento discursivo retoma, no sujeito-leitor, a memória de outros dizeres que estão associados a essa formação discursiva publicitária, o que produz significações outras dentro do discurso jornalístico alternativo. Assim,

[...] o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que **“algo fala”** (*ça parle*) sempre **“antes, em outro lugar e independentemente”**, isto é, **sob a dominação do complexo das formações ideológicas** (Pêcheux, 2014b, p. 149, aspas e grifos do autor e negritos nossos).

Esse funcionamento e os seus efeitos de sentido continuam na sequência discursiva a seguir.

SD36. Sendo **membro da comunidade**, **você nos ajuda** a investigar os crimes dos poderosos, amplificar vozes e narrativas marginalizadas, contar **histórias que você não vai encontrar em outros veículos** e criar impacto real nas vidas de brasileiros de todos os cantos do país. O programa de **membros do TIB** nos mantém fortes e independentes, e mostra como **o público apoia o tipo de jornalismo corajoso e de fôlego** que fazemos diariamente (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Assim como nas sequências discursivas anteriores, observa-se como o discurso é direcionado ao sujeito-leitor: com o seu apoio, o *Intercept* poderá garantir a exclusividade de conteúdo – “histórias que você não vai encontrar em outros veículos”. Nesse sentido, há de se considerar que devido às condições de produção das mídias alternativas, o seu conteúdo não seria integralmente exclusivo, afinal, construíram a imagem de uma mídia que apresenta, para os mesmos acontecimentos discursivizados na mídia tradicional, uma pluralidade de vozes parciais que buscam, justamente, ambigüizar esses acontecimentos.

Desse modo, o *Intercept* não apenas pede ajuda, mas também oferece, ao seu leitor, um conteúdo único e que não vai ser encontrado nas mídias tradicionais. O ritual falha porque o noticiar da mídia alternativa não deve ser exclusivo, mas justamente colocar no discurso os sentidos e as vozes que escapam à mídia tradicional ou que não podem ser ditas na sua formação discursiva. Consoante afirmam Pêcheux e Gadet, isso “implica em considerá-las [as ideologias dominadas] como uma série de efeitos ideológicos que emergem da dominação e que trabalham contra ela por meio das lacunas e das falhas no seio dessa própria dominação” (Pêcheux; Gadet, 2014d, p. 96).

Também se faz importante dizer sobre a denominação dada ao se leitor: membro da comunidade e do TIB (*The Intercept Brasil*). O sujeito deixa de ser apenas um observador passivo do jornalismo alternativo, combativo e de denúncia do *Intercept*, mas passa a fazer parte desse jornalismo como membro, como colaborador. Na mídia tradicional, esse não é o lugar que se espera que o leitor ocupe, nem o leitor concebe ocupar esse lugar, devido à formação imaginária construída de ambos. Já na mídia alternativa observa-se um rompimento com essa relação desaproximada e com essa formação imaginária: é um outro fazer jornalístico. Os lugares e as posições ocupadas pela mídia alternativa e pelo sujeito-leitor-membro são outras também. O jornalismo plural deixa de estar apenas no protagonismo das vozes marginalizadas e da denúncia da corrupção e dos problemas da sociedade e passa a incluir o leitor. É um fazer jornalístico conjunto que depende não do capital, mas dos seus colaboradores, sejam jornalistas, ativistas ou leitores.

Esse funcionamento é reforçado quando diz do jornalismo que fazem: “corajoso e de fôlego”, por isso, precisam da, agora, denominada ajuda dos seus leitores. Não mais financiamento coletivo, não mais doação, mas ajuda. A troca de palavras e os sentidos que envolvem cada denominação são fundamentais para a análise, pois são os responsáveis por discursivizar o jornalismo alternativo e sua filiação ao que a mídia tradicional não é. Esse dizer de si baseado na negação também é observado na próxima sequência discursiva.

SD37. Acreditamos que contar com diversas fontes de apoio — incluindo o apoio dos leitores — é um **modelo saudável de fazer jornalismo** (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

SD38. Aqui, não chamamos os nossos apoiadores de assinantes por um motivo: **criamos uma relação diferente com você**. Construímos uma **comunidade** que ajuda o nosso jornalismo independente e combativo a chegar mais longe e causar mudanças reais em nosso país (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Nestas duas sequências discursivas, sendo a segunda pertencente ao perfil do *Intercept* no site de financiamento coletivo *Catarse*, percebe-se uma produção de sentidos filiada à outra formação discursiva e que corresponde às imagens do leitor, do *Intercept* e das mídias alternativas. Isso porque, ao fazer o seu perfil em um site de financiamento coletivo, a imagem do leitor é de que se tornará assinante do projeto, posto que, quando o mesmo acontece na mídia tradicional, é essa a denominação que recebe. Contudo, o funcionamento aqui não é esse. Mesmo que não financie o *Intercept*, o leitor continuará a ter acesso integral às suas reportagens e aos seus conteúdos, o que não aconteceria se fosse na mídia tradicional, onde a falta de pagamento resulta na limitação ou no fim do acesso à grande parte de suas notícias.

Além disso, aos veículos midiáticos associa-se a imagem de um fazer jornalístico que, em tese, independe da participação direta do leitor – embora seja produzido para ele. Assim, o *Intercept* tenta controlar os sentidos ao discursivizar que a escolha de pedir ajuda no financiamento do seu fazer jornalístico é “saudável”. O uso dessa denominação para o seu jornalismo, a qual possui sentidos tanto relacionada à saúde física e mental quanto a uma relação não tóxica, é curiosa. Isso porque há um jogo de imagem e de sentidos em contraponto: a mídia alternativa promove um jornalismo saudável porque é plural, luta pelos direitos da população e envolve o leitor na sua prática; logo, o que não está dito, mas produz sentidos, é que, em contraposição, a mídia tradicional é tóxica, pois, conforme Mariani (1999), no desambiguar o mundo e na manutenção dos mitos do jornalismo, leva o leitor a crer que a sua leitura de mundo é a única possível.

Outro ponto a ser analisado é a mudança de denominação para os sujeitos-leitores que apoiarem o projeto do *Intercept*: não são “assinantes”, mas sim “apoiadores”, pois “criamos uma relação diferente com você”. Ao denominá-los como apoiadores, nota-se uma busca pelo controle novamente, afinal, criticam as mídias tradicionais por venderem as notícias e impedirem que todos tenham acesso a elas, logo, substituir o termo *assinantes* por *apoiadores* é uma tentativa de controlar os sentidos que permeiam esses dois termos e de não se filiar à formação discursiva capitalista da mídia tradicional.

Também é importante analisar o uso do significante “comunidade” mais uma vez. Aqui, não fala de os leitores serem membros, mas de fato da construção de um espaço em que tanto os colaboradores e os jornalistas das mídias alternativas quanto os leitores possam ocupar. Há a mobilização de uma memória que remete ao princípio da mídia alternativa na Ditadura Militar, quando não era espaço de luta e resistência, mas também de encontro entre sujeitos filiados às mesmas formações discursivas e ideologias e inseridos nas mesmas condições de produção. Ou seja,

Nos períodos de maior depressão das esquerdas e dos intelectuais, cada jornal funcionava como **ponto de encontro espiritual, como polo virtual de agregação no ambiente hostil e desagregador da ditadura**. Pode-se traçar, assim, uma demarcação entre imprensa convencional e imprensa alternativa no Brasil pelos seus papéis opostos como agregadores e desagregadores da sociedade civil, em especial, dos intelectuais, jornalistas e ativistas políticos (Kucinski, 2018, p. 19, negritos nossos).

Assim, o *Intercept* coloca em circulação outra imagem da mídia alternativa: um ambiente seguro para os sujeitos filiados às mesmas formações discursivas, a fim de que possam encontrar uma comunidade à qual pertencer. A mídia alternativa, mais uma vez, torna-se um

ambiente agregador em meio a condições de produção que, na maioria das vezes, promovem o desencontro e atravessam os sujeitos por meio de discursos violentos ou que retirem direitos.

SD39. Ao doar para o Intercept, você **sabe exatamente com o que contribui e para quem**. Somos uma **equipe de jornalistas que ousou mexer com as estruturas com coragem, independência e um faro investigativo único**. Faça parte dessa missão para que possamos fazer muito mais. **Doe hoje para o Intercept e enfrente o poder conosco**. Obrigada! (The Intercept Brasil, [s. d.], n. p., negritos nossos).

Na SD39, o *Intercept* diz do seu jornalismo com o efeito de sentidos de uma prestação de contas, ou seja, ao contribuir, o sujeito-apoiador “sabe exatamente com o que contribui e para quem”, desse modo, a contribuição tem um destino definido que não é – como na mídia tradicional – a produção de notícias e reportagens que estejam submetidas aos interesses das grandes corporações midiáticas e do capital. A contribuição é para manter o jornalismo do *Intercept* e a sua equipe de jornalistas que colocam em circulação notícias e reportagens “com coragem, independência e um faro investigativo único”.

Assim, ao doar, o sujeito-apoiador não apenas garante que esse jornalismo seja feito, mas se torna parte dele: “enfrente o poder conosco”. A resistência não é individual, mas, assim como as mídias alternativas, é plural; há a necessidade de jornal e sujeito atuarem juntos para que a transformação social aconteça. Ao promover os efeitos de sentido de unidade nas últimas sequências discursivas, o *Intercept* aproxima-se da posição que a *Mídia NINJA* assume: a práxis jornalística não é dos jornalistas, mas sim *do e para* o povo. Isso porque, nas seções anteriores, o *Intercept* se preocupa em construir uma imagem de independência e de jornalismo feito por jornalistas, com credibilidade e transparência. No entanto, ao trazer o seu leitor para a sua práxis, mesmo que seja por meio do financiamento, a um efeito de sentido de unidade, de um jornalismo que é feito em conjunto. Esse movimento de sentidos remete à tensão entre a polissemia e a paráfrase, como pontua Orlandi (2015), pois

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: **entre o mesmo e o diferente**. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, **produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas**. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que **os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam** (Orlandi, 2015, p. 34, negritos nossos).

Assim, é nesse movimento do mesmo dizer e do dizer que é diferente que as mídias alternativas (se) significam umas as outras. Ao mexerem no efeito de sentidos da sua formação discursiva e das suas filiações ideológicas, (re)produzem discursos e fazeres jornalísticos que

ainda estão se constituindo. Observa-se, nesta dissertação, que a incompletude e a transformação de sentidos constituem a mídia alternativa, a qual ainda está se (trans)formando.

Nesta seção, portanto, observou-se que as falhas que aparecem na mídia tradicional não apenas são criticadas pela mídia alternativa, mas também são exploradas para que produzam outros sentidos quando inseridas na formação discursiva midiática alternativa – essencialmente no que se refere ao apoio financeiro necessário para que se mantenham atuantes. Em vista disso, considera-se o que afirmou Pêcheux (2014c) em relação às ideologias dominadas:

[...] os movimentos que aconteceram no fim da década de 1960 em torno da escola, da família, da religião, da divisão social do trabalho, e o relacionamento com o meio-ambiente [*sic.*] constituem, todos eles, aquilo que chamo de lutas ideológicas de movimento. Ao mesmo tempo em que, sem dúvida, são uma questão de luta de classes no terreno da ideologia, essas lutas devem ser pensadas não como lutas entre classes constituídas como tais, mas, em vez disso, como **uma série de disputas e embates móveis** (no terreno da sexualidade, da vida privada, da educação, etc.) **pelos processos por meio dos quais a exploração-dominação da classe burguesa se reproduz, com adaptações e transformações** (Pêcheux; Gadet, 2014c, p. 97, negritos nossos).

A partir disso, percebe-se que, embora a mídia alternativa rompa com o discurso capitalista da mídia tradicional, no qual o lucro é gerado pela venda das notícias, ainda há uma reprodução de sentidos dessa ideologia, mas transformada. O *Intercept* e a *NINJA*, em nenhuma sequência discursiva, produzem sentidos de geração de lucro por meio da venda de notícias, inclusive, acontece justamente o contrário: (re)afirmam, inúmeras vezes, a sua resistência à ideologia capitalista e, como consequência, a não democratização da informação. Contudo, por estarem inseridas em uma sociedade capitalista, ambas as mídias são subordinadas a essa ideologia, precisando, de alguma forma, receber apoio financeiro.

Por isso, justificam o pedido de apoio os seus leitores ressaltando a falta de investimento do Estado e a recusa de comprometer os princípios de independência da mídia alternativa. Há, aqui, um efeito de sentido do que é realmente a mídia alternativa: plural em todos os sentidos, inclusive na necessidade de, junto ao seu leitor, criar formas de financiar-se. Para isso, é preciso que venda seu projeto, venda a sua imagem e venda o seu jornalismo – mas mantenha a notícia democratizada e de livre acesso a todos. Nesse processo de vender-se, os sentidos deslizam, a língua (re)produz sentidos outros e há a tentativa de controlá-los.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os efeitos de sentido que envolvem a mídia alternativa, principalmente a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil*, são inúmeros. A discussão desta dissertação, que abrangeu a formação das mídias alternativas, a sua atuação durante a Ditadura Militar e o seu ressurgimento em meio às plataformas digitais, propôs uma análise não apenas da constituição dessas mídias enquanto alternativas, mas, essencialmente, de como dizem de si e da sua práxis jornalística.

Afinal, partindo dos dizeres e dos mitos que envolvem o discurso jornalístico (Mariani, 1999), a mídia alternativa coloca em circulação a sua ruptura com a mídia tradicional. Nos momentos em que se coloca não apenas como uma alternativa, mas como um contraponto à tradição, passa a dizer de si e do seu jornalismo sempre no que não é. Não é imparcial, como o é a mídia tradicional. Não é dependente de anunciantes e publicidades, como o é a mídia tradicional. Não é conivente com os abusos estatais e as violências sociais, como o é a mídia tradicional. Não é silenciadora das vozes plurais e marginalizadas, como o é a mídia tradicional. Não é vendedora de notícias, como o é a mídia tradicional. Não é contrária à democratização da informação, como o é a mídia tradicional. As negações são inúmeras. A partir delas, a mídia alternativa diz de si e coloca em circulação os princípios norteadores da sua práxis jornalística.

Esse dizer de si e do seu jornalismo a partir do que não é em relação à mídia tradicional também significa na sua incompletude, afinal, pode-se considerar que a mídia alternativa como se conhece hoje é muito nova, logo, ainda está passando por transformações e significando no entremeio do que foi, do que é e do que será.

A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. **Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento.** Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois **a falta é também o lugar do possível** (Orlandi, 2015, p. 50, negritos nossos).

Assim, apesar dos sentidos, em alguns momentos, escaparem, deslizarem, movimentarem, esse funcionamento é parte da sua constituição enquanto mídia alternativa. Os sentidos produzidos tanto pelo *Intercept* quanto pela *NINJA* se aproximam e se desencontram ao longo das análises porque pertencem à ordem da incompletude que as constitui enquanto mídias alternativas. As denominações que se referem às posições ocupadas por cada mídia também reproduzem essa incompletude: os estudos e as próprias mídias alternativas não estarem em consenso sobre como se denominarem faz parte do seu funcionamento discursivo. Por mais que tentem controlar os sentidos, eles sempre escapam, como afirma Maldidier (2017).

Diante disso, a relação de luta entre as ideologias da mídia tradicional e da mídia alternativa foi observada ao longo de todas as sequências discursivas selecionadas para esta dissertação. Durante a análise das condições de produção de cada uma das mídias alternativas, já é possível perceber que os efeitos de sentido não serão os mesmo que os da mídia tradicional. Afinal, tanto a *NINJA* quanto o *Intercept* surgiram de momentos de tensão política, social e ideológica, nos quais a sociedade não apenas ansiava por mudanças nesses campos, mas começava a perceber que a imparcialidade da mídia tradicional era um mito. Afinal,

[...] o discurso jornalístico cria a ilusão de causas e consequências, ordenando o mundo e os sentidos dos fatos ocorridos. Este funcionamento discursivo interpela os indivíduos a ponto **de persuadi-los, de mantê-los alinhados à política dominante do jornal**, que pode ou não estar em consonância com a linha dominante dos ditames políticos da nação (Almeida; Amaral, 2020, p. 432, negritos nossos).

A *Mídia NINJA*, que tomou forma em meio às ruas, literalmente, noticiando de dentro das manifestações de 2013, e o *The Intercept Brasil*, responsável pela série de reportagens de denúncia intitulada Vaza Jato, ressignificaram, ocupando o lugar de mídia alternativa, o discurso do jornalismo hegemônico, que noticiava essas tensões políticas sem considerar a pluralidade de vozes e de opiniões produzindo sentido. Sendo parciais e denunciadoras da corrupção e da violência, essas duas mídias alternativas usa(ra)m o ambiente digital para democratizar o acesso a informações que estavam sendo omitidas pela mídia tradicional. Diante disso, cabe salientar o que afirma Pêcheux (2009) sobre essa luta entre ideologia dominante e ideologias dominadas, pois

[...] parece ser crucial afastar a ideia, tanto sedutora quanto falsa, de que as ideologias dominadas, por não serem o simples reflexo inverso da ideologia dominante, constituiriam espécies de germes independentes: **elas nascem do lugar mesmo da dominação ideológica na forma dessas múltiplas falhas e resistências** (Pêcheux, 2009, p. 25, negritos nossos).

Assim, observa-se que, como aponta Pêcheux, as mídias alternativas surgiram das falhas e da resistência à práxis jornalística da mídia tradicional, a qual já estava descredibilizada inclusive entre os próprios sujeitos. No entanto, deve-se considerar os sentidos que são produzidos a partir dos dizeres dessas mídias de si e das suas práticas. Afinal, a língua não é transparente, mas sim permeada de desvios, deslizos e falhas, assim como o discurso jornalístico. A primeira questão se refere às condições de produção em que surgiam, posto que, conforme analisado anteriormente, as jornadas de junho de 2013, quando nascia a *NINJA*, e a Vaza Jato, em 2016, quando surgia o *Intercept*, estão relacionadas. As jornadas deram início a

um movimento de direita que se intensificaria com o passar dos anos e acarretaria o golpe de Estado sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff, o que levaria à Operação Lava Jato e, conseqüentemente, às denúncias do jornalista Glenn Greenwald, cofundador do *Intercept Brasil*. Desse modo, percebe-se que a *NINJA* esteve mais do que presente nos movimentos políticos: foi agente de transformação junto ao *Intercept*.

No entanto, a essa transformação não estão associados discursos plurais, colocando em destaque vozes marginalizadas e silenciadas pela mídia hegemônica, pelo contrário, a ascensão da direita no Brasil ocorreu em meio às manifestações que a *NINJA* estava noticiando, conforme Indursky (2017, 2019), e levou não apenas ao golpe, mas também à eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro. As lutas e os movimentos políticos, sociais, raciais, econômicos e de gênero não apenas deixaram de ser as vozes em evidência, mas foram reprimidos e violentados durante esse momento político. Embora a *Mídia NINJA* tenha sido fundamental na denúncia da violência policial em 2013, durante as manifestações, os sentidos de uma mídia ativista lhe escapam nesse momento de tensão política. A partir daqui, as falhas dos rituais começam a aparecer.

Acresce a isso que foi possível notar que a *NINJA* e o *Intercept*, apesar de serem mídias alternativas, nem sempre possuem discursos que as aproximam. Ao dizerem de si e do seu jornalismo, os sentidos escapam mesmo pertencendo à mesma formação discursiva midiática alternativa, posto que a primeira se denomina como uma midialivrista e uma midiativista, ou seja, luta pela democratização do acesso à informação e defende, no seu jornalismo, as causas e as pautas que lhe são caras, concedendo voz aos oprimidos. Por outro lado, o *Intercept*, ao dizer da sua práxis, busca aproximá-la da credibilidade que o jornalismo hegemônico possui, pois salienta, regularmente, o fato de ser uma rede de jornalistas comprometidos com a verdade. Apesar dos sentidos não serem os mesmos se esses dizeres pertencessem à formação discursiva midiática tradicional, há um efeito de sentido de aproximação entre o *Intercept* e a mídia tradicional, com ambos se afastando do jornalismo ativista proposto pela *NINJA*.

Essas denominações, como discutido, são fundamentais para a Análise de Discurso, pois mostra a quais ideologias e posições estão associadas cada uma das mídias alternativas. O *Intercept*, mesmo que discursivize sobre sua ruptura com os mitos do jornalismo e com o capital, faz uso das suas semelhanças discursivas com a mídia tradicional para consolidar-se como uma mídia alternativa que possui credibilidade, na qual se pode confiar. Isso será fundamental quando precisar pedir que os sujeitos-leitores se tornem apoiadores financeiros do projeto.

O pertencimento das mídias alternativas no ambiente digital, desse modo, não garante a ausência da falha. Sobretudo porque, conforme Dias (2015, p. 7), nessa falha da conexão está “o lugar do possível, é onde o sujeito pode produzir o deslocamento, a desregularização [...] produzindo outros sentidos possíveis que não aqueles que lhe é dado a pensar”. Assim, é nesse espaço de falhas que o discurso alternativo se ressignifica, transforma-se e rompe com a mídia tradicional. Essas questões aparecem, também, na sua relação com o capital.

Afinal, o efeito de sentidos dessas mídias é de condenação à venda de notícias realizada pela mídia tradicional, seja transformando os seus sites em *outdoors*, seja limitando o acesso à notícia apenas para assinantes do seu conteúdo. A relação com a ideologia capitalista transforma a relação do jornal tradicional com a notícia e com o leitor. Nesse cenário capitalista, os dizeres da *NINJA* e do *Intercept* se aproximam, produzindo sentidos de uma mídia independente dos grandes patrocinadores capitalistas, pois, dessa forma, não fica presa aos dizeres e às notícias que esses grupos desejam colocar em circulação – ambas se mantêm fiéis aos seus princípios.

No entanto, por estarem inseridas em uma formação ideológica capitalista, ambas as mídias alternativas estão travessadas e submissas ao capital, logo, não conseguem se manter sem que recebam financiamento. Assim, a fim de não romper com os seus princípios, notam no sujeito-leitor um apoiador, justamente pensando que o jornalismo alternativo é feito *para e pelo* povo, desse modo, com o apoio financeiro do leitor, é possível que esse jornalismo continue a existir e a denunciar as corrupções políticas e sociais. Apesar de tentarem controlar o efeito de sentido para que seja esse, no ritual há falhas. Mudam as denominações e justificam o seu pedido de apoio financeiro para tentar produzir sentidos outros desassociados do capital, mas não é possível. Isso porque *se vendem*. Conforme Ferreira (2015), nem toda resistência promove ruptura, isto é, mesmo que resistam à submissão aos interesses do capital, não conseguem romper, de fato, com essa ideologia.

Um contraponto essencial discursivizado pela mídia alternativa em relação à mídia tradicional foi a venda de notícias para gerar lucros. Nesse sentido, embora não estejam vendendo a notícia em si, no perfil do site de financiamentos *Catarse*, tanto a *NINJA* quanto o *Intercept* vendem a si, a sua prática jornalística, o seu projeto alternativo. Há um deslocamento de sentidos e de posições que aproxima ambas as mídias à ideologia dominante – mesmo que distintas. A falha, assim como foi para o próprio percurso teórico da Análise de Discurso, é importante e necessária. Tal qual quando Pêcheux (2014c) escreveu “Só há causa daquilo que falha...” para retificar as falhas da sua teoria, que tomava forma e estava em movimento, à mídia alternativa o desmonte também é essencial. Isso porque “sem que nada falhe, era (sob pretexto de delimitar os efeitos do assujeitamento da interpelação ideológica) fazer a parte bonita da

adversidade e ficar, de certo modo, seu prisioneiro” (Pêcheux, 2014c, p. 276, parênteses do autor).

Portanto, a falha permite, bem como permitiu à Análise de Discurso, que a mídia alternativa, em especial a *Mídia NINJA* e o *The Intercept Brasil*, não seja prisioneira dos dizeres e da formação discursiva alternativa. Pelo contrário, tendo o conhecimento dessas rupturas dentro do seu próprio ritual, essa mídia pode transformar-se e adequar-se. Não se deve, inocentemente, considerar que a mídia alternativa deve estar, de modo completo, fora do capital, pois este também a atravessa enquanto mídia digital, mas considerar os efeitos de sentido que coloca em circulação sobre as pequenas resistências que devem ser feitas nessas condições de produção. Outrossim, não se deve submeter acriticamente ao seu discurso, posto que, embora seja uma alternativa à mídia tradicional, também não é a (única) detentora da verdade. Por fim, conforme Pêcheux (2014c, p. 281), “não há dominação sem resistência”, logo, “é preciso ousar se revoltar” e “ousar pensar por si mesmo”, assim como a mídia alternativa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. P. M.; AMARAL, M. V. B. A relação entre a imprensa, o acontecimento discursivo golpe-*impeachment* e o desmonte das políticas públicas. **Revista da Abralin**, v. 19, n. 23, p. 429-454, 2020.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- BRAIGHI, A. A.; CÂMARA, M. T. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. *In*: BRAIGHI, A. A.; LESSA, C.; CÂMARA, M. T. (Orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 25-42.
- CARVALHO, G.; BRONOSKY, M. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Pauta Geral**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 2139, 2017.
- COSTA, C. Sob holofotes, Mídia NINJA quer ampliar alcance. **BBC News Brasil**, Londres, 04 ago. 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/08/130805_midia_ninja_cc. Acesso em: 01 dez. 2024.
- DELA SILVA, S. C. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil**: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. 2008. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2008.
- DELA SILVA, S. Discurso, resistência e escrita: por uma análise discursiva dos espaços para os sujeitos na mídia. *In*: SOARES, A. S. F.; MARIANI, B.; DELA SILVA, S.; MEDEIROS, V. (Orgs.). **Discurso, resistência e...** Cascavel: Edunioeste, 2015. p. 207-227.
- DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016.
- DIAS, C. Para uma compreensão discursiva do digital: o sentido de tecnologia. *In*: Seminário de Estudos em Análise de Discurso, 7, 2015, Recife. **Anais**. Recife: SEAD, 2016. p. 1-7.
- EXAME. Coletivo Mídia Ninja usa 4G para transmitir manifestações. **Exame**, São Paulo, 17 jul. 2013. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/coletivo-midia-ninja-usa-4g-para-transmitir-manifestacoes/>. Acesso em: 01 dez. 2024.
- FERNANDES, K. B. Estratégias discursivas do jornalismo de guerrilha: o caso da Mídia Ninja. **Rastros**, Joinville, p. 7-20, 2015.

FERREIRA, M. C. L. Resistir, resistir, resistir... Primado básico discursivo! *In*: SOARES, A. S. F.; MARIANI, B.; DELA SILVA, S.; MEDEIROS, V. (Orgs.). **Discurso, resistência e...** Cascavel: Edunioeste, 2015. p. 159-167.

FOLETTTO, L. F. Midiativismo, mídia alternativa, radical, livre, tática: um inventário de conceitos semelhantes. *In*: BRAIGHI, A. A.; LESSA, C.; CÂMARA, M. T. (Orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018, p. 95-110.

GREENWALD, G. Bem-vindo ao The Intercept Brasil. **The Intercept Brasil**, [s. l.], 02 ago. 2016. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2016/08/02/bem-vindo-ao-the-intercept-brasil/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

INDURSKY, F. O momento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos. *In*: FLORES, G. G. B.; GALLO, S. M. L.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N. R. M.; PFEIFFER, C. C.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (Orgs.). **Análise do discurso em rede: cultura e mídia**. v. 2. Campinas: Pontes, 2017.

INDURSKY, F. Discurso, mídias e formas de resistência. *In*: FLORES, G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L.; LAGAZZI, S.; PFEIFFER, C. C.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (Orgs.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. v. 4. Campinas: Pontes, 2019.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2018.

LAGGAZI, S. Em torno da prática discursiva materialista. **Organon**, v. 30, n. 59, p. 85-100, 2015.

LOPES, L. C. **O culto às mídias: interpretação, cultura e contratos**. São Carlos: EduFSCAR, 2004.

MADEIRA, C. **Tudo é rio**. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2024.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa: Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

MARIANI, B. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a revolução de 30. *In*: LEANDRO FERREIRA, M. C.; INDURSKY, F. (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999, p. 102-121.

MARIANI, B. Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise. **Polifonia**, v. 12, n. 1, 2006.

MAZETTI, H. M. Mídia alternativa para além da contra-informação. *In*: Woitowicz, K. J. (Org.). **Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009, p. 287-300.

NINJA. Perguntas frequentes. **Mídia NINJA**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://midianinja.org/perguntas-frequentes/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

NINJA. Quem Somos. **Mídia NINJA**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

NINJA. Mídia NINJA. **Catarse**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.catarse.me/midianinja>. Acesso em: 29 nov. 2023.

OLIVEIRA, D. Jornalismo alternativo, o utopismo iconoclasta. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7., 2009, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009, p. 1-10.

ORLANDI, E. **Análise de discurso. Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

PAYER, O. Linguagem e sociedade contemporânea – Sujeito, mídia e mercado. **RUA**, Campinas, n. 11, p. 9-25, 2005.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 7-24, 1990.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-105.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, M. O estranho espelho da Análise de Discurso. *In*: COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Edufscar, 2009. p. 21-26.

PÊCHEUX, M. A aplicação dos conceitos da Linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. *In*: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2014a. p. 203-226.

PÊCHEUX, M. A forma-sujeito do discurso. *In*: PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b. p. 145-168.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha. *In*: PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014c. p. 269-281.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. *In*: PETRI, V.; DIAS, C. **Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

THE INTERCEPT BRASIL. Perguntas frequentes. **The Intercept Brasil**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/perguntas-frequentes/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

THE INTERCEPT BRASIL. Quem somos. **The Intercept Brasil**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/sobre/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

THE INTERCEPT BRASIL. The Intercept Brasil. **Catarse**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: https://www.catarse.me/intercept?ref=user_contributed&project_id=87387&project_user_id=958285. Acesso em: 29 nov. 2023.